



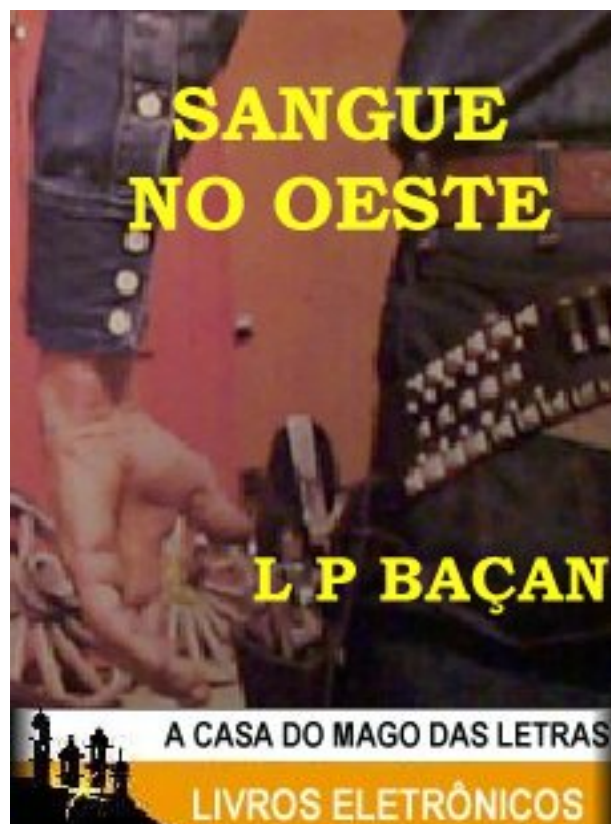
Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita

desde que sejam preservadas as características originais da obra.





Seu nome era William Stone, nascido no Colorado e, por isso, todos o chamavam dessa forma: Colorado.

Durante muitos anos fora delegado federal, com jurisdição em três Estados: Idaho, Montana e Wyoming.

Colorado Stone se transformou numa lenda, não apenas pelo rigor com que tratava os malfeitores, mas pela rapidez de sua arma, considerada a mais rápida daqueles territórios.

Aos trinta e cinco anos, finalmente, Colorado julgou que o melhor a fazer era parar.

Havia viajado demais, tido aventuras demais. Matara muitos homens, conduzira outro tanta à prisão.

Conseguira amearhar algum dinheiro, economizando o salário, engordando-o com uma e outra recompensa.

Planejava comprar um rancho num local distante, onde jamais tivessem ouvido falar de Colorado Stone. Penduraria suas armas e iria cuidar da terra e viver com mais estabilidade e paz.

— Como lhe disse, Sr. Stone, esta é a melhor terra ao sul do Novo México, próximo da fronteira. Além disso, Las Cruces é uma cidade estratégica, pois fica no caminho para El Passo. Suas terras farão fundos com o Rio Grande. Não encontrará nada melhor, posso lhe garantir — assegurou o corretor.

Colorado Stone acendeu um cigarro e se recostou na cadeira, pensando. Aqueles nomes tão distantes lhe acenavam com a possibilidade de iniciar nova vida, em um novo mundo.

Las Cruces, El Passo, Rio Grande, tudo era novidade. Lá ninguém o conheceria nem o chamaria de Colorado. Seria apenas William Stone, ou Bill Stone, para simplificar.

— E o preço? — indagou.

— Doze mil dólares.

— Não tenho isso. Consiga uma redução para dez mil e fechamos o negócio.

— Impossível! O preço inicial era de quinze mil, não posso fazer mais nada — descartou o corretor.

— Dê-me alguns dias, então.

— Posso lhe dar uma semana, Sr. Stone.

— É o bastante.

O corretor despediu-se e saiu. Colorado ficou pensando, enquanto fumava, sozinho no saloon vazio.

A tarde ia pelo meio. O barman limpava os copos, preparando-se para o movimento da noite.

— Dê-me um uísque, Sam — pediu Colorado.

— Certo, Delegado! — respondeu ele, servindo-o imediatamente.

Colorado tomou-o num só gole. Precisava conseguir dois mil dólares e só conhecia uma forma de fazer isso.

Levantou-se e deixou um dólar sobre a mesa. Saiu para a rua. As ruas de Laramie estavam calmas, com apenas algumas carroças se movimentando preguiçosamente.

Foi até a cadeia.

— Olá, Colorado — cumprimentou-o o xerife, que cochilava recostado em sua cadeira, as botas sobre a mesa.

— Peter! Alguma novidade?

— Tudo calmo, como sempre.

— Falei com o corretor agora...

E então?

— O preço final é doze mil dólares... Faltam-me dois mil ainda.

— Com mais um ano de trabalho poderá juntar isso e...

— Não vou esperar tanto tempo, Peter. Ando cansado demais dessa vida de caçador de bandidos.

— Conhece outra forma de conseguir dinheiro?

— Diabos! Claro que não. Onde estão aqueles cartazes?

O xerife abriu uma gaveta e retirou um punhado de cartazes de procurados.

— Estão todos aqui, inclusive os que chegaram esta semana.

— Alguma coisa nova e interessante?

— Há uma quadrilha que anda infernizando Milles City...

— Nada mais perto?

— Há um assassino fugitivo em Sheridan, mas duvido que vá encontrá-lo por lá.

Colorado folheou os cartazes, até encontrar os que falavam da quadrilha que atormentava Milles City, em Montana.

Meia dúzia de homens mal encarados. Havia uma recompensa de quinhentos dólares pelo chefe e de trezentos para cada um dos outros.

— Temos quinhentos dólares pelo chefe e mais... — murmurou ele, fazendo as contas. — Dois mil dólares, exatamente o que preciso, mas será uma enorme distância a percorrer.

— Você tem todo o tempo para isso, não?

— Pelo contrário. Tenho apenas uma semana para confirmar o negócio.

— Podemos fazer o seguinte: eu lhe empresto os dois mil dólares e você fecha o negócio.

— É uma oferta irrecusável, Peter, mas o que acontecerá se eu não voltar de Milles City?

— Eu fico com seu rancho. Nada mais justo, não?

Colorado pensou rapidamente. O que tinha a perder? Já enfrentara quadrilhas maiores e mais perigosas.

— Está feito, Peter. Vou fechar o negócio, então, amigo. Obrigado — disse Colorado, estendendo a mão.

O xerife apertou-a firmemente.



As grandes planícies ao redor de Milles City favoreciam a criação de gado. Enormes fazendas se espalhavam na pradaria, por onde o gado pastava livremente.

A lei vinha sendo mantida com rigor por um xerife calejado e rápido nas armas, mas, inesperadamente, fora morto numa emboscada.

Imediatamente convocou-se nova eleição, mas, enquanto isso, uma quadrilha de ladrões de gado surgiu, causando inúmeros prejuízos aos fazendeiros.

— Precisamos apressar essa eleição — dizia o prefeito, numa reunião na sala de jogos do saloon.

— Já me roubaram centenas de cabeças — comentou um dos fazendeiros.

— O que me intriga é para onde estão levando esse gado — comentou outro.

— O único que parece não ter sido roubado ainda foi o Stanley, não? — disse um outro, olhando para o maior fazendeiro da região.

— Tenho cinqüenta atiradores protegendo minha propriedade. Acha que alguém se atreveria a tentar roubá-la? — explicou, sem desviar os olhos das cartas que tinha nas mãos.

Alguém apostou. Por momentos ficaram em silêncio, até que as apostas terminaram.

— Acha que seu capataz será um bom xerife? — indagou alguém a Stanley.

— Oliver é responsável pela segurança de minha fazenda e tem feito um ótimo trabalho. Será um excelente xerife. É inteligente, valente e sabe usar as armas, como já devem saber —

explicou o fazendeiro.

Ninguém contestou. O jogo terminou. Stanley ganhara mais uma partida. As cartas voltaram a ser embaralhadas.

— Tenho visto muita gente nova na cidade — observou Stanley.

— São os caçadores de recompensa. Vieram pelos cartazes que espalhamos. Vão nos ajudar a nos livrarmos dessa quadrilha, Sr. Stanley — explicou o prefeito.

— Acho que só vão causar problemas. Se tivesse pedido a minha ajuda, poria Oliver e um grupo no encalço desses ladrões. Garanto como os apanharia em dois tempos.

— Ainda está em tempo de fazer isso — lembrou o prefeito.

— Vamos ver o que os caçadores de recompensa conseguem. Se até a eleição de Oliver isso não tiver se resolvido, darei uma ajuda.

— Isso nos deixa mais tranqüilos — comentou o prefeito, distribuindo as cartas.

Se soubesse, porém, que naqueles momento, um grupo de homens fortemente armado invadia sua fazenda, ao norte da cidade, o prefeito não estaria tão tranqüilo.

— É uma bela boiada — comentou um dos cavaleiros.

— E vamos ter sorte. Está vindo chuva. Vai apagar os rastos. Poderemos levar toda ela — decidiu o outro.

Um céu escuro e carregado cobria a pradaria. Os cavaleiros começaram a reunir o gado.

De repente, no alto de uma colina, alguém disparou um rifle.

— Há um vigia lá encima — gritou alguém e os cavaleiros trataram de encontrar cobertura.

Responderam ao fogo furiosamente, inquietando o gado. O homem que disparava no alto da colina silenciara.

— Steve, vá até lá — ordenou o que chefiava.

— Certo, chefe — respondeu o cavaleiro, esporando seu cavalo e rumando para a colina, de onde retornou pouco depois. — Está morto, mas os tiros podem chamar a atenção de

outros.

— Não estamos longe da sede da fazenda. Vamos ter de preparar uma emboscada. Não podemos nos dar ao luxo de sermos seguidos.

O grupo distribuiu-se, procurando cada homem um local estratégico para ficar, armado de rifle, esperando.

Não demorou e o tropel de cavalos se misturou ao eco dos trovões que ribombavam no céu.

O barulho se tornou mais confuso, quando as armas começaram a disparar. Os vaqueiros eram jogadas de suas selas, atingidos em cheio pela mortal pontaria de quadrilha.

Quando tudo silenciou e a fumaça se dissipou, oito homens da fazenda jaziam estendidos no pasto.

— Isso servirá de lição para que não queiram mais nos seguir — disse o chefe. — Vamos nos apressar. Precisamos chegar ao esconderijo antes da chuva. Vamos ter muito trabalho para refazer as marcas de todas essas reses.



A cidade estava consternada. Já não se tratava mais de roubo de gado, mas de assassinatos em massa.

Nove vaqueiros do Rancho Eagle, pertencentes ao prefeito, haviam sido mortos e duzentas cabeças de gado roubadas.

Uma reunião havia sido convocada e se realizava no interior do saloon.

— Precisamos fazer alguma coisa — disse o prefeito. — Estão roubando e matando impunemente...

— Posso lhe dar uma sugestão, prefeito? — indagou um homem vestido de negro, com um cinturão onde rebrilhavam detalhes em prata de lei.

— Pois não, cidadão — falou o prefeito, dando-lhe a palavra.

— Comece aumentando o valor das recompensas...

— Isso não vai ajudar em nada — cortou-o Stanley, olhando-o desafiadoramente. — Caçadores de recompensa são uma escória que não precisamos aqui — acrescentou e três ou quatro pistoleiros ali presentes não ficaram muito satisfeitos com essa afirmação. — O que precisamos realmente é nomear um novo xerife.

— E por que não fazemos isso de imediato? — indagou alguém.

— Porque passar por cima de tudo isso. Sabemos que Oliver vai ser eleito xerife. Por que não passamos por cima da burocracia e o nomeamos de imediato? com o distintivo e uma nova turma de ajudantes, logo estaremos livres desses ladrões. — insistiu Stanley, demonstrando seu interesse pelo assunto.

— Não basta um xerife apenas para resolver isso — disse alguém, a voz grave e forte soando firmemente no saloon.

Todos se voltaram para aquele estranho, de pele curtida pelo sol e olhar penetrante.

Parecia um pistoleiro, pelo modo como portava a pistola, mas havia seriedade em seu rosto, um ar que inspirava respeito.

— E o que tem a sugerir? — falou o prefeito, dirigindo-se a Colorado Stone.

— Não acredito que apenas meia dúzia de homens estejam causando toda essa confusão. Quando vinha para cá, eu...

— Quer dizer que também é um caçador de recompensas? — cortou-o Stanley.

Colorado olhou-o com firmeza e Stanley estremeceu diante daquele olhar reprovador.

Havia algo naquele forasteiro que intimidava realmente.

— Como eu dizia, no caminho para cá vim pensando. Como meia dúzia de homens pode roubar tanto gado e sumir com ele? Devem ser mágicos, pois estão fazendo o gado sumir no ar... — disse Colorado, com ironia.

— O que está sugerindo? — indagou um dos fazendeiros, percebendo onde Colorado queria chegar.

— Esse gado deve estar sendo levado para algum lugar. Pelo que sei, só há fazendas ao redor de Milles City.

— Acha que eles estão a serviço de alguém? — insistiu o fazendeiro.

Stanley se calara estranhamente. Olhou fixamente para a porta, onde um de seus homens assistia à reunião.

Fez um sinal imperceptível de cabeça. O capanga se adiantou até postar-se ao lado de Colorado.

— Está falando asneiras, estranhos. Quem pensa que é para vir não sei de onde acusar nossa gente? — falou o pistoleiro, encarando Colorado.

O ex-delegado federal retribuiu o olhar à altura, fazendo o outro vacilar.

— Tem uma explicação melhor para o sumiço do gado?

O outro não teve resposta e Colorado lhe virou as costas para se dirigir aos homens na mesa junto ao balcão.

— Não vire as costas para mim — disse o pistoleiro, pondo a mão no ombro de Colorado e puxando-o para trás.

Ele se voltou lentamente, encarando novamente o pistoleiro.

— Jamais repita isso — disse, num fio de voz ameaçador.

— Você não me faz medo — respondeu o outro.

— Não foi esse o objetivo. Recebeu um aviso e isso basta. Afaste-se de mim ou será um homem morto — prometeu, voltando a virar as costas para o pistoleiro.

— Há lógica na sua afirmação, estranho — disse o prefeito. — Esse gado tem de estar em algum lugar. Pelo que sabemos, nenhuma grande boiada saiu daqui nos últimos tempos...

— Procurem o gado roubado. Não só o encontrarão como extirparão o mal pela raiz, encontrando o mandante de todos esses crimes — concluiu Colorado.

— Eih, eu estou reconhecendo você! — gritou um dos fazendeiros. — Estava em Cody, no ano passado. Capturou a quadrilha dos Irmãos Powell. Você é delegado federal, não?

— Já não sou mais. Pedi minha baixa. Estão encerrando minha carreira de homem da lei.

— Talvez cedo demais — falou o prefeito. — Estamos precisando de um xerife e um homem com a sua experiência seria mais valioso que qualquer outro.

— Mas prefeito, temos uma eleição e Oliver...

— Por mais valente e esforçado que Oliver seja, jamais poderá se rivalizar com um delgado federal. Além disso, todos pediam providências, não? Que acham de nomearmos um xerife agora mesmo, por aclamação?

— Esperem um pouco, não vim aqui para ser xerife. Quero prender a quadrilha, receber a recompensa e partir.

— Discutiremos isso, delegado...

— Não sou delegado e...

O prefeito pôs em votação a proposição, que foi aceita por todos, exceto Stanley, que disfarçava ao máximo seu aborrecimento com o rumo inesperado tomado pela situação.



Stanley Ross estava na sala de sua enorme casa, no rancho. Havia ficado muito aborrecido com o que houvera na cidade.

A intenção de nomear aquele recém-chegado como xerife frustrava todos os planos que havia cuidadosamente elaborado.

Era um homem poderoso, com amigos políticos em Washington. Recebia informações, informações preciosas, capazes de tornarem um homem rico da noite para o dia.

Algo grande estava sendo preparado para Milles City. Stanley sabia que poderia se tornar o homem mais rico do Oeste, se soubesse aproveitar aquela chance.

Não contava, porém, com aquela mudança repentina nos seus planos. A chegada daquele caçador de recompensas mudava toda a estória e exigia, agora, uma ação drástica.

Havia mandado Oliver à cidade e esperava, agora, a chegada dele.

Já entardecia. Os vaqueiros retornavam à fazenda, após mais um dia duro de trabalho.

Uma das mulheres que trabalhava na cozinha veio ter com ele.

— Devemos servir o jantar agora, Sr. Stanley?

— Não, Maria. Ainda não. Estou esperando um convidado. Deixe tudo preparado. Avisarei quando ele chegar.

Enquanto a mulher se retirava, Stanley foi até um armário, abriu-o e escolheu sua bebida predileta.

Serviu uma dose generosa. Caminhou até uma escrivaninha. Sentou-se e abriu uma das gavetas.

Retirou alguns maços de notas e os guardou no bolso interno de seu elegante paletó.

Terminava o uísque, quando Oliver chegou com o convidado. Era o homem de negro que Stanley vira lá no saloon, durante a reunião daquela manhã.

— Aqui está o homem, Sr. Stanley — disse o capanga.

Stanley examinou-o cuidadosamente. Era alto e forte, de olhar duro e penetrante.

Portava dois Colts de coronhas de madrepérola bem baixos, ao alcance das mãos.

— É bom nisso? — indagou Stanley, apontando as armas.

— Tenho me mantido vivo, não? — retrucou o outro, dando a entender que não era homem de muitas palavras.

— Conhece Colorado Stone?

— Sim, já cruzei com ele.

— É tão bom como dizem?

— Um dos melhores.

— Acha que pode detê-lo num duelo?

O outro sorriu ligeiramente, tentando entender onde Stanley queria chegar.

Enquanto o pistoleiro pensava, Stanley foi até o armário e retornou com dois copos de bebida.

Entregou um deles ao pistoleiro, que tomou um gole, estalando a língua.

— É foi bom! — comentou.

— É escocês, vem de navio direto para mim.

O pistoleiro deu uma olhada ao seu redor. Não precisava analisar muito para perceber que estava falando com um homem rico e poderoso.

— O que quer de mim realmente? — indagou.

— Vamos discutir isso no jantar. Oliver, avise as mulheres da cozinha — ordenou.

Enquanto Oliver se apressava em cumprir a ordem, Stanley conduziu o pistoleiro até uma outra sala, onde havia uma mesa ricamente decorada.

Sentaram-se. Oliver foi se juntar a eles. As mulheres começaram a servir a mesa.

O pistoleiro percebeu que havia muita coisa em jogo na proposta até então velada que Stanley lhe fizera.

— Por que eu deveria enfrentar Colorado Stone? — indagou, após algumas garfadas.

— Acha que isto é um bom motivo? — retrucou Stanley, depositando um pacote de notas diante dele, que apanhou e contou rapidamente.

— Quinhentos dólares? para enfrentar Colorado Stone? É pouco, muito pouco — respondeu, devolvendo o pacote para Stanley.

— Sr. Stanley, eu posso fazer isso, se me deixar — adiantou-se Oliver.

— De forma alguma, temos de ficar de fora disso. Você ainda será o xerife de Milles City e tudo correrá conforme eu planejei. Aquele intrometido tem de ser morto por alguém de fora e acho que nosso amigo aqui pode fazê-lo. É tudo uma questão de preço, senhor... — falou

Stanley, querendo saber o nome do pistoleiro.

— Dam Rowlings!

— Exatamente, Sr. Rowlings. Qual é o seu preço para fazer o trabalho?

— Nada menos que dois mil dólares...

— Eu e mais alguns homens poderíamos emboscá-lo e... — ia dizendo Oliver, mas calou-se quando Stanley lhe fez um sinal rispidamente.

— Sei que poderia fazê-lo, Oliver, mas deixe-me conduzir isto da minha maneira, está bem?

— Sim, senhor — concordou o capanga, abaixando a cabeça.

— Aqui tem mil dólares — falou Stanley, depositando outro maço de notas sobre o primeiro e empurrando-o na direção de Dam. — Quando terminar o serviço, receberá o restante.

— Trato feito. Quando quer que eu o mate?

— O mais depressa possível!

— Ele não passará desta noite, eu lhe garanto — disse Dam, levantando-se da mesa.

Fez um sinal de cabeça e saiu. Momentos depois ouvia-se o galope de seu cavalo.

— Por que não me deixou fazer o trabalho? — indagou Oliver, humildemente.

— Dam Rowlings é um pistoleiro sem eira nem beira. Quando terminar o serviço, nós sumimos com ele e não haverá testemunhas para nos incomodar, entendeu?

Oliver ficou pensativo por instantes, depois sorriu, ao perceber o plano do patrão.

— É um homem inteligente, Sr. Stanley.

— As coisas devem ser feitas com cautela, Oliver. Só assim se pode garantir o sucesso. Depois do jantar, quero que vá chamar Sinclair e sua quadrilha. Vamos passar à segunda fase do meu plano o mais depressa possível.



Ao Sul de Milles City, às margens do rio Yellowscone, ficava a pequena fazenda de Hank Bosler, um velho pioneiro que chegara ali no início da colonização.

Ele e muitos outros eram donos das pequenas propriedades que mais sofriam com o ataque daquela quadrilha de ladrões de gado.

Ultimamente, com constantes ataques de artrite e gota, vivia imobilizado, gritando ordens de uma cadeira no alpendre da casa.

Todo o trabalho duro, na verdade, era feito por Anne, sua filha, que comandava os poucos vaqueiros.

Naquela noitinha, quando ajudava os vaqueiros a separarem algumas vacas prenhas no curral, Anne estava preocupada, muito embora tentasse esconder isso.

Quando terminaram o trabalho e os vaqueiros se dirigiram ao dormitório, chamou Frank, uma espécie de capataz.

— Frank, teve mais alguma notícia daqueles homens? — indagou ela.

— Não, srta. Bosler. Os vaqueiros comentaram que os viram ao longe. O mesmo aconteceu em outras fazendas desta parte do rio.

— Acha que podem ser os ladrões?

— O que mais poderia ser? Quando tentamos nos aproximar deles simplesmente se afastaram rapidamente.

— Vamos ter de pôr guardas nesta noite.

— Vou cuidar disso, apesar de saber como os vaqueiros estão apavorados. Não estão acostumados a tratar com ladrões, principalmente gente tão perigosa como essa.

— Eu entendo, mas o que mais podemos fazer? Já perdemos mais de cem cabeças de gado. Se continuar assim, estaremos falidos e o banco tomará nossa propriedade.

— Eu sinto muito, Srta. Bosler. Vou fazer o possível.

— Sim, Frank, por favor! Talvez devêssemos mandar alguém à cidade informar o novo xerife, se é que ele é confiável, o que não se sabe até agora — ponderou ela.

— Já ouvi falar de Colorado Stone, senhorita. É um homem sério e de valor. Seu nome é respeitado por toda parte.

— Então mande alguém avisá-lo do que viu hoje.

— Certo. Essa movimentação pode não ser nada, mas pode ser o prenúncio de um novo ataque.

Anne despediu-se de Frank e rumou para a casa principal da fazenda. Estava faminta e cansada, além de realmente preocupada com a presença de estranhos em suas terras.

— E então, Anne, como vai indo a criação? — indagou-lhe o pai, sentado à mesa, jantando.

— Separamos mais uma dúzia de vacas prenhas, pai.

— Bom sinal, querida. Nosso rebanho logo estará enorme — falou o velho, com satisfação.

— Com toda certeza — assegurou Anne, indo até lá e beijando-o no rosto. — E as dores?

— Suportáveis, mas poderia ser melhor se você não escondesse meu uísque.

Anne sorriu e deu de ombros.

— O médico o proibiu de beber. Agora termine a sua comida. Vou tomar um banho rápido e volto para fazer-lhe companhia — falou a garota, indo para o seu quarto.

Fechou a porta atrás de si, respirando fundo. Não havia contado para seu pai sobre os roubos do gado que haviam sofrido. Simplesmente não tivera coragem.

O velho lutara sempre com muita dificuldade e não merecia aquele tipo de aborrecimento.

Diante dela o espelho mostrava uma figura nada feminina. Fez cara de tristeza e se aproximou.

Alisou os cabelos amassados pelo chapéu. As calças largas escondiam seu corpo, assim como a camisa e o colete de vaqueiros disfarçavam seus seios rijos e empinados.

O rosto estava coberto de poeira e sujeira.

— Ângela! — chamou ela e, pouco depois, a porta se abriu e a mexicana empregada da casa se apresentou.

— Si, patroa!

— Prepare-me um banho, por favor! Estou imunda e cansada.

Rapidamente a mulher tratou de providenciar o que lhe fora ordenado. Anne tomou um banho rápido, esfregando-se vigorosamente e lavando os cabelos.

Desistiu de escová-los. Estavam cheios de nós, ondulados e louros. Amarrou uma toalha na cabeça, vestiu seu roupão e foi para a cozinha.

Seu pai dormia na cadeira, após ter jantando. Anne sorriu e se sentou a mesa sentindo-se terrivelmente solitária.



Sentado atrás daquela escrivaninha, Colorado Stone tentava entender como fora parar ali.

Simplesmente se deixara envolver pelos apelos do prefeito e de todos aqueles fazendeiros.

Além disso, o prefeito usara um argumento a que ele não pudera resistir.

— Livre-nos da quadrilha e lhe daremos a recompensa, mais mil dólares de gratificação. Até conseguir isso, terá casa, comida e um salário de cem dólares por mês. Aceita? — indagara o prefeito, cercado por todos aqueles fazendeiros e cidadãos.

Dois mil dólares era o que precisava para terminar de pagar o seu rancho. Mil dólares a mais seriam úteis para ele começar a se estabelecer. Não havia como recusar.

— Gostaria que vocês se apresentassem — pediu ele aos ajudantes perfilados diante da escrivaninha.

Eram três rapazes altos e fortes, de aparência decidida.

— Meu nome é Rock e sou o guarda da cadeia. Como não há presos, ajudo a fazer a ronda. Não atiro muito bem, mas sei usar uma faca como ninguém — disse o jovem.

Colorado olhou para o seguinte, que se aprumou, respirando fundo.

— E você? — indagou.

— Sou Faster, meio índio, meio branco. Faço a ronda nos estabelecimentos e sou o melhor rastreador deste lado do Oeste.

— É tão bom assim?

— Sou capaz de seguir um pássaro pelo cheiro que ele deixa no ar — brincou o mestiço.

— Se é assim, por acaso você tentou seguir alguma das pistas deixadas pelos ladrões de gado? Afinal, gados tem patas e patas deixam marcas no chão.

O rapaz se remexeu todo, perturbado.

— O xerife não deixou.

— Como assim?

— Um dia tentamos seguir uma pista. Apontei a direção para onde o gado poderia ter sido levado. O xerife desistiu de seguir a trilha e jamais entendi o motivo.

— Estranho, não?

— Alguns dias depois o xerife foi morto e eu jamais soube mesmo seus motivos para não ter seguido aquela pista fresca.

— Pressinto que você terá uma nova chance, Faster. Eu lhe prometo isso. E você? Quem é e o que sabe fazer? — indagou ao terceiro ajudante.

— Emmet é o meu nome e sou bom nisso — afirmou o rapaz, mostrando seu rifle de repetição.

— É um caçador?

— Sim, caço desde pequeno. Meu pai me ensinou tudo sobre uma arma como esta.

— O que é capaz de fazer com ela?

— Acertar um pássaro em pleno vôo?

Colorado assobiou, maravilhado.

— Fala sério?

— É verdade, xerife — confirmou Rock.

— Bom, temos aqui um belo grupo de ajudantes, rapazes. Espero que gostem de trabalhar comigo. Em primeiro lugar, quero saber se estão satisfeitos com o salário que recebem.

— Não vejo por que não? — disse Emmet, intrigado com a pergunta.

— É um serviço fácil — ajuntou Faster.

— É só enjaular uns bêbados nos finais de semana e...

— Acho que não entenderam, rapazes. Estou falando de serem homens da lei e não brincarem de ser isso. Vamos enfrentar gente perigosa, realmente perigosa. Vocês vão arriscar a vida e não posso garantir que um ou outro não seja baleado.

Os jovens se entreolharam assustados.

— Homens da lei de verdade? — procurou confirmar Emmet.

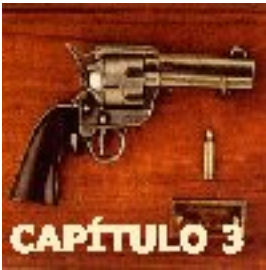
— Sim, homens da lei de verdade — confirmou Colorado.

— Eu sempre achei que estava grande para brincar. Quero ver como é isso de verdade — afirmou Rock.

— Nós também, não é Emmet?

— Pode apostar que sim.

Colorado Stone sorriu. Tinha uma equipe valente e com algumas habilidades. Talvez conseguisse fazer dar certo.



O vaqueiro entrou respeitosamente, torcendo as abas do chapéu com

as mãos.

— Olá, rapazes — cumprimentou, dirigindo-se aos ajudantes do xerife.

— É o MacClusky, xerife, trabalha no Rancho Bosler, às margens do rio — informou Rock.

— Pois não, MacClusky, o que podemos fazer por você? — indagou-lhe Colorado.

— Minha patroa pediu que o avisasse, xerife. Durante todo o dia houve uma movimentação de homens por aquela região. Parecia o bando que vem roubando gado...

— Algum ataque?

— Não, e isso que pareceu estranho. Apenas andaram por ali, de um lado para outro, como se estivessem observando o terreno.

— Estranho, não? Ninguém os reconheceu?

— Estavam longe e, quando tentamos nos aproximar, eles se afastaram. Os rapazes de outros ranchos também os perceberam...

— Obrigado pelo aviso, rapaz! — agradeceu Colorado.

— Vai fazer alguma coisa, xerife?

— Acho que vamos lá dar uma olhada pela manhã.

— Está bem, avisarei minha patroa — despediu-se o vaqueiro, saindo.

— Estranho isso, rapazes, não acham? — indagou Colorado, assim que o vaqueiro saiu. — Alguma notícia desse tipo de ação antes?

— Que eu saiba, jamais. Eles simplesmente chegavam e atacavam — informou Emmet.

— Veremos isso amanhã. Agora eu estou faminto. Onde posso comer um bom bife com

arroz? — quis ele saber.

— Lá no saloon, xerife. É o melhor bife da cidade — avisou Faster.

— Algum quer me acompanhar?

— Não, vamos fazer a ronda. Bom apetite, xerife.

Colorado deixou a cadeia e rumou para o saloon. A cidade estava calma. Parecia uma cidade calma.

Tinha uma missão pela frente e esperava resolver tudo bem rápido e rumar para seu rancho.

Quando entrou no saloon, fez-se um silêncio respeitoso.

— Dizem que posso comer um bom bife aqui — comentou com o barman.

— Vou mandar preparar um, xerife. Por que não se senta naquela mesa? Mandarei servi-lo. quer beber alguma coisa?

— Um uísque e uma cerveja.

O barman atendeu prontamente. Colorado levou os copos até a mesa e sentou-se.

Percebeu, então, junto ao balcão, o pistoleiro de negro, olhando-o com desdém.

Reconheceu-o imediatamente. Eram Dam Rowlings, um caçador de recompensa.

O outro continuou olhando com insistência. Colorado já vira aquele tipo de atitude antes. Farejou encrenca no ar.

Suas previsões se confirmaram, quando o pistoleiro caminhou até a mesa e se sentou provocativamente.

Antes que Colorado fizesse um gesto, Dam tomou o copo de uísque e entornou-o. Depois apagou o cigarro no copo de cerveja do xerife.

Colorado respirou fundo e reclinou o corpo na cadeira. Dam o olhava com desdém, sorrindo ligeiramente.

Sabia que não haveria outra forma de apagar aquele sorriso idiota dos lábios dele, a não ser com uma bala.

Apenas não entendia por que Dam se metia a provocá-lo gratuitamente.

— Eu o julgava um homem inteligente, Dam — comentou Colorado, olhos fixos no seu interlocutor.

— Por que diz isso?

— Está fazendo algo idiota, sabia?

— Eu o aborreci?

— Muito.

— E o que pretende fazer a respeito?

— Se você me pedir desculpas e sair daqui, talvez eu poupe a sua vida — disse Colorado, ameaçadoramente.

Dam riu alto, reclinando-se na cadeira e olhando ao seu redor. Conseguira chamar a atenção.

— Não vai beber sua cerveja, xerife?

Colorado segurou o copo, levantou-o no ar e fez menção de levar o copo até a boca, surpreendendo Dam.

Inesperadamente, porém, atirou todo o seu conteúdo no rosto do pistoleiro.

— Maldito! — berrou Dam, dando um salto e pondo-se em pés, as mãos procurando as armas.

Colorado não lhe deu tréguas. Precisava dar-lhe uma lição definitiva. A ele e a qualquer outro idiota que tentasse desafiar sua autoridade.

Dam sacou rapidamente, mas não chegou a disparar. O xerife bateu-lhe com o copo na testa, espatifando-o.

O rosto do pistoleiro se cobriu de cacos e de sangue. Colorado segurou o pulso dele na

testa, espatifando-o.

Um estalido seco e a mão de Rowlings ficou numa posição grotesca, com o pulso quebrado.

— Vai pagar por isso, Colorado — prometeu, tentando sacar a arma da esquerda.

O xerife não lhe deu tréguas novamente. Enfiou seu punho no estômago dele, depois golpeou-lhe a nuca com a mão fechada.

Dam caiu pesadamente no assoalho, agora desarmado. Tentou se erguer, mas levou um chute em pleno rosto, sendo jogado para trás como um saco de palha.

Arrastou-se até o balcão e tentou apanhar uma garrafa. Colorado puxou-o pelo colarinho e golpeou-lhe os rins repetidas vezes, Dam gemeu, o corpo fraquejando.

— Isto é por beber meu uísque — falou Colorado, jogando-o contra o balcão.

O pistoleiro estava coberto de sangue, o rosto transformado numa máscara.

— Isto é por estragar a minha cerveja — ajuntou, chutando o rosto do pistoleiro, que tombou inanimado, vertendo sangue.

Virou-se para o barman.

— mande pôr este traste encima de uma cavalo e o despachem para fora da cidade. Só quero agora um uísque, uma cerveja e aquele bife — disse ao barman.

— como quiser, xerife — falou ele, apressando-se em servir novamente.

Colorado retornou para a mesa. Arrumou a cadeira. Sentou-se. Tudo era silêncio ao seu redor.

Bebeu lentamente o uísque, saboreando-o. Dois homens apanharam o pistoleiro ensangüentado e o levaram para fora.

Terminou o uísque e começou a bebericar a cerveja. Ouviu vozes alteradas lá fora. Os dois homens retornaram, assustados, olhando na direção do xerife.

O motivo logo surgiu na porta do saloon. com uma espingarda de cano serrado na mão e o rosto coberto de sangue, Dam Rowlings retornava para tirar satisfações.

— Cometeu um erro, xerife — disse ele, caminhando na direção da mesa.

Colorado percebeu que a arma estava engatilhada. Eram dois canos devastadores, serrados daquela forma.

Mesmo machucado daquele jeito, não seria difícil para Rowlings cortá-lo ao meio, disparando aquele canhão.

— Acho que o erro foi seu — respondeu Colorado, calmamente, apoiando a ponta das botas nas pernas da mesa a sua frente.

— Vou matá-lo, maldito! Vou espalhar seu cadáver contra aquela parede — anunciou o pistoleiro, cada vez mais perto.

Colorado o olhava fixamente. Esperava a qualquer momento um sinal do momento do disparo.

— É um homem morto, xerife — afirmou, torcendo o canto da boca.

A arma se levantou imperceptivelmente, mirando o peito de Colorado, que empurrou a mesa para frente, ao mesmo tempo em que jogava o corpo para trás.

O movimento inesperado surpreendeu Dam Rowlings, que disparou os dois canos da arma.

O saloon encheu-se de fumaça por instantes. Todos julgaram que o xerife estivesse morto.

Quando a fumaça se dissipou, Dam jazia tombado contra o balcão e Colorado tinha na mão uma pistola fumegante.

— Não ouvi o seu disparo — comentou alguém.

— Disparou ao mesmo tempo que o pistoleiro...

— É muito rápido...

Os ajudantes chegaram em seguida. Colorado explicou-lhes o que houvera. O papa-defuntos também se fez presente, revistando o morto, como era de costume.

Se tivesse dinheiro, seria usado no funeral. Caso contrário, seria jogado simplesmente num buraco na colina dos pés juntos.

— Xerife, veja isso — comentou o papa-defuntos, indo até ele, exibindo dois maços de notas.

Colorado apanhou o dinheiro e contou rapidamente.

— É muito dinheiro para um homem como este — comentou, percebendo que as notas eram novas e que ainda estavam presas como uma cinta de papel do banco local.

Poderia ser uma pista importante. Desde o principio, aquela atitude de Rowlings lhe parecera forçada.

Por que se meteria a desafiá-lo? Não tinha um motivo plausível, a menos que tivesse sido pago para isso. Mas quem pagaria um pistoleiro para matar um xerife, no dia de sua posse?

Somente alguém com culpa em cartório.

— Vou confiscar este dinheiro — disse, retirando algumas notas e entregando-as ao papa-defuntos. — Venda as armas e o cavalo dele para cobrir o resto das despesas.

— Sim, xerife — concordou rapidamente o homem, soltando o cinturão do falecido.

As armas estavam sobre o balcão. Sempre havia alguém interessado num par de pistolas como aquelas.

Colorado retornou a sua mesa, disposto a terminar o jantar, antes de qualquer interrupção.

Do lado de fora do saloon, pela janela, Oliver e alguns homens haviam acompanhado todos os acontecimentos. Tratou de retornar ao rancho e contar ao patrão o insucesso da tentativa.



Anne acordou com o barulho dos tiros, com os gritos, tropel de cavalos e as chamas que iluminavam seu quarto.

Vestiu-se rapidamente, tentando ver, da janela, o que estava acontecendo.

O dormitório dos vaqueiros estava em chamas. Alguns deles estavam nas janelas, disparando contra um grupo de homens mascarados, que revidavam.

— Anne! — ouviu a voz de seu pai gritando.

Correu para o quarto ao lado, onde o velho, tendo escorregado da cama, procurava alcançar a janela.

Tinha na mão seu Colt e estava disposto a se defender da agressão.

— O que está havendo lá fora? — indagou.

— Estamos sendo atacados.

— Mas por quem?

— Não sei talvez os ladrões de gado.

— Pegue meu rifle, depois me ajude a chegar até a janela.

Anne fez como seu pai pedira. Da janela os dois tentaram acertar os agressores, mas eles estavam fora do campo de visão.

Ouviu, então, barulho de vidros quebrando, depois passos pesados e apressados subindo a escadaria.

Virou-se, julgando que fosse um dos vaqueiros, mas era um dos mascarados.

— Maldito! — gritou ela, disparando.

O homem foi mais rápido, desviando-se e disparando em resposta.

Anne sentiu o impacto quente em seu ombro, fazendo a arma voar longe.

Depois, tudo escureceu e ela desfaleceu, acordando algum tempo depois, sentindo o ombro em fogo.

— Está bem, Srta. Bosler? — indagou-lhe Frank.

— Meu ombro...

— Felizmente a bala atravessou, mas vamos precisar levá-la para a cidade. Além disso, há outros feridos também...

— Quantos?

— Dois feridos e outros três mortos... — informou Frank, com pesar.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela, tentando se erguer. Eles a havia posto numa carroça, juntamente com os outros feridos. O dormitório estava em chamas. A casa igualmente.

Ver o seu lar ardendo daquela forma pôs lágrimas nos olhos da garota e um ódio insano em seu coração.

Só então deu pela falta do pai.

— E meu pai? Onde está o meu pai? — indagou, saltando da carroça, ainda atordoada.

— Acalme-se, senhorita, por favor. Nós tentamos tirá-lo, mas era tarde demais. Ele estava morto... Ficou lá encima, na casa...

— Oh, não! Papai! — gritou ela, em desespero, tentando correr na direção da casa, mas foi contida por Frank, que a segurou com firmeza, abraçando-a.

Ela encostou a cabeça no peito do vaqueiro e chorou desconsoladamente.

— Malditos! Por que fizeram isso?

— Não sei dizer, senhorita. Atacaram sem mais nem menos, queimaram o dormitório e a casa e foram embora.

— Conseguiram acertar algum deles?

— Difícil dizer, no meio de toda aquela confusão.

Anne sentiu seu braço latejando. Morna e lentamente o sangue escorria de seu ombro, empapando a camisa.

— Vamos, senhorita, precisamos ir para a cidade. Está perdendo muito sangue — alertou Frank.

— Eu estou bem — murmurou ele, desfalecendo em seguida.

Frank a levou de volta para a carroça. Os poucos vaqueiros que sobraram sem ferimentos haviam selado seus cavalos.

— Onde vão, rapazes? — quis saber Frank.

— Dar o fora daqui. Sou vaqueiro, não pistoleiro — respondeu um deles.

— Isto aqui está ficando perigoso demais — ajuntou outro.

— Não podemos fazer isso dessa forma. É o que esses bandidos estão querendo, nos assustar e... — ia dizendo.

— Se era isso, conseguiram. Não vou ficar para levar um tiro ou ser morto. É decisão final, Frank. Vamos procurar um rancho mais seguro para trabalhar. Depois mandaremos buscar o que tivermos para receber de salário — finalizou o vaqueiro e o pequeno grupo partiu rapidamente.

Frank assumiu a boléia da carroça e chicoteou os cavalos. Precisavam chegar logo à cidade.



Colorado Stone foi acordado ao amanhecer por um dos ajudantes. passara a noite numa das celas da cadeia, enquanto preparavam uma casa onde ele iria morar.

— O que houve, Emmet? — indagou sonolento, aceitando a xícara de café que o rapaz lhe estendia.

— Encrenças, xerife. O Rancho Bosler foi atacado nessa noite. Houve mortes e feridos.

— Refere-se ao Rancho mencionado por aquele vaqueiro ontem à noite? — indagou, lembrando-se.

— Sim, esse mesmo.

— Diabos! — lamentou, julgando que alguma coisa poderia ter sido evitada se tivesse tomado alguma providencia.

— Os feridos estão lá na casa do médico. O proprietário do rancho está morto e sua filha foi ferida.

— Vamos lá dar uma olhada nisso. Faster. Vamos ver se ele é tão bom rastreador como diz — ordenou, terminando o café e afivelando o cinturão.

— Vou levá-lo até a casa do médico, depois procurarei Faster — disse Emmet.

Pouco depois, Colorado estava na enfermaria da casa do médico, que terminava de costurar o último dos vaqueiros.

— Todos vão ficar bem, inclusive a garota. Perdeu muito sangue, mas é forte. Só precisa de repouso agora — disse o médico, assim que o xerife chegou.

— Quantos mortos? — perguntou Frank.

— Três mortos, incluindo o patrão.

— Onde fica esse rancho?

— Ao sul, por quê?

— Pretendo seguir as pistas. Devem estar frescas ainda.

— Se permitir, vou com você, xerife. Tenho muito a me vingar desses malditos bastardos — pediu Frank.

Colorado foi até a cama onde Anne havia sido acomodada. Surpreendeu-se com a beleza da jovem, apesar dos cabelos anelados e embaraçados.

Deixou rapidamente a enfermaria. Faster e Emmet surgiram logo em seguida.

— Mande selar meu cavalo, Emmet. Peça ao Rock para cuidar de tudo aqui, enquanto estivermos fora.

Algum tempo depois o grupo partiu, na direção do Rancho Bosler. Colorado tinha esperança de poder seguir uma pista fresca ainda, localizando o esconderijo da quadrilha.

Quando chegaram no rancho, só encontraram desolação e morte. As construções fumegavam, tendo queimado até os alicerces.

Os cadáveres dos vaqueiros estavam ao relento. Colorado mandou que os enterrassem rapidamente.

Depois, saiu com o grupo dar uma olhada ao redor. Viu o gado no pasto.

— Faster, já localizou a pista?

— Sim, xerife. Eles vieram do norte e para lá retornaram. É um grupo pequeno, seis homens no máximo.

— Como sabe que retornaram para lá? E o gado? Não levaram nenhum gado?

— Vieram direto para a sede do rancho e de lá voltaram pelo mesmo caminho. Não cruzaram os pastos.

— Por que não levaram gado desta vez? — intrigou-se Colorado. — Tem mesmo certeza disso?

— Haveria pistas, xerife. Só vi os rastros vindo e voltando.

— Vamos seguí-los, então, mas com muito cuidado.

O grupo rumou para o norte, sempre guiados por Faster, que se mostrava mesmo um ótimo rastreador.

Colorado Stone ia pensando no que estava acontecendo e sentia que as coisas não se encaixavam.

— Tomaram a direção do Rancho Ross — disse Faster, após cavalgarem metade da manhã.

— Pertence a Stanley Ross, o maior fazendeiro da região. Suas terras chegam até Rocky Springs, umas cem milhas ao norte, xerife — explicou Emmet.

— Tudo isso?

— Ouvei dizer que ele anda comprando toda terra disponível de Clendive para cá. Acho que deseja se tornar o mais rico rancheiro de gado desta parte do Oeste, xerife — continuou Emmet.

Repentinamente, foram surpreendidos por um disparo. Logo em seguida, um grupo de dez

cavaleiros os cercou, apontando armas.

— Onde pensam que vão? — indagou um deles.

— Este é o novo xerife e estamos seguindo uma pista — explicou Faster.

— Não nestas terras — determinou o outro.

Colorado encarou-o.

— Está atrapalhando o trabalho da lei, rapaz — disse firmemente.

— Nada sei sobre o seu trabalho, xerife. Sei que o meu é patrulhar estas terras e ninguém entra nelas sem autorização do meu patrão. Além disso, que pista pretendem seguir?

— A dos homens que atacaram o Rancho Bosler nesta noite. Foram naquela região — apontou Faster.

— Lamento, mas sua pista acaba aqui mesmo — disse o homem, fazendo um sinal para que o seguissem.

Subiram rapidamente uma colina. À frente deles, uma enorme manada pastava tranqüilamente. A pista conduzia diretamente para o meio delas.

— Vai ser impossível agora, xerife — afirmou Faster, desconsolado.

— Não viram esse bando passando por aqui? — perguntou o xerife aos homens.

— Não, xerife. Estivemos de guarda a noite toda e nada vimos — afirmou o líder dos capangas que vigiavam a fazenda.

— Tempo perdido, rapazes. Vamos voltar à cidade — decidiu Colorado Stone.

Cavalgaram por algum tempo, até se afastarem das vistas dos guardas. Colorado fez um sinal para que seus dois ajudantes parassem.

— Tenho certeza que eles estão mentido, rapazes — começou a dizer.

— Também tenho, xerife. Se estiveram por ali, durante toda a noite, teriam visto o bando tanto na ida quanto na volta. Não poderiam passar despercebidos — concordou Faster.

— É certo que sim. Mas por que estão fazendo isso? Por que acobertam os ladrões e assassinos? — intrigou-se o xerife.

— Também não entendi essa, xerife — juntou Emmet.

— Você conhece bem esta região, Faster? — questionou-o o homem da lei.

— Pode ter certeza que sim, xerife.

— Há algum lugar onde um bando possa se esconder?

— Posso me lembrar de uns dois ou três lugares.

— O que acha de circular por aí, com toda cautela, para ver o que consegue descobrir?

— Vou gostar disso, xerife. Posso fazer isso de olhos fechados.

— Então veja o que consegue descobrir. Vimos que o bando cavalgou sempre em direção ao norte. Siga essa direção e veja o que tem pela frente.

O mestiço esporeou seu cavalo e se afastou rapidamente. Colorado e Emmet retornaram à cidade.

Passaram pela casa do médico.

— Como estão eles, doutor.

— Estão bem. A garota está muito agitada, mas creio que é pela morte do pai.

— Dê-me notícias — pediu, saindo.

Quando chegou à cadeia, o prefeito estava a sua espera.

— Bom dia, xerife! Soube que foi seguir uma pista, é verdade?

— Sim, estivemos trabalhando durante toda a manhã.

— E o que descobriu?

— Ainda não descobri nada, mas fiquei tranqüilo que tenho algumas suspeitas.

— Suspeitas? Gostaria de saber quais são.

— É cedo. Eu o mantereii informado.

— Ah, ia me esquecendo. Mandei levar suas coisas para a casa onde vai ficar alojado. Rock lhe mostrará o caminho. Uma vizinha cuidará da comida, de suas roupas e da limpeza. Tudo por conta da cidade.

— Ótimo, prefeito! Agradeço as providências.

Colorado apanhou um pouco de café, depois foi se sentar. Pôs os pés sobre a escrivaninha e ficou pensando.

Rock e Emmet se entreolharam, observando a atitude do chefe. Colorado estava intrigado.

Era muita coincidência os rastros da quadrilha virem da fazenda de um homem que estava comprando muita terra, além de toda a que já tinha.

Mas qual o seu interesse em aterrorizar um pequeno fazendeiro como o dono do rancho Bosler?

Começaram roubando gado. Um gado que não poderia estar desaparecendo no ar. Agora passavam para o ataque simplesmente para matar e queimar.

Era estranho, muito estranho, como se isso fizesse parte de um plano que Colorado não conseguia entender.

— A que horas abre o banco? — indagou.

— Já está aberto, xerife.

— Ótimo, vou dar um pulo até lá. Cuidem de tudo por aqui — ordenou, apanhando os maços de notas que estavam com o pistoleiro morto na noite anterior.

Foi até o banco. O próprio gerente o atendeu. Colorado depositou os dois maços de cédulas sobre a mesa.

— Retirei isto de um pistoleiro morto ontem à noite. Preciso saber se ele sacou esse dinheiro pessoalmente. Pode me trazer os livros?

O homem hesitou, empalidecendo rapidamente. Suas mãos tremerem, quando examinou

as cédulas.

— Não sei se posso mostrar-lhe os livros... Afinal, isto é confidencial e...

— Estamos falando de assassinatos e roubos aqui. Posso resolver isso de uma forma drástica, mas prefiro contar com a sua colaboração — exigiu Colorado, incisivo.

O gerente não teve outra alternativa. Fez um sinal, chamando o guarda-livros.

— Lembra-se de uma retirada de mil dólares, feita ontem ou antes de ontem? — perguntou-lhe.

— Mil dólares, ninguém retirou esse valor.

— Tem certeza disso? — insistiu Colorado.

— Claro que sim, xerife. Eu me lembraria de um valor desses — confirmou.

— Pode me mostrar os livros com os registros dos últimos dias?

O guarda-livros olhou para o gerente, que concordou com um aceno de cabeça.

Minutos depois, Colorado examinou os lançamentos. Nenhuma retirada vultuosa fora feita nos dias anteriores.

Continuou voltando as páginas. Cinco dias antes, houvera uma retirada de três mil dólares no banco.

Não se surpreendeu ao ver o nome do sacador: Stanley Ross. Agradeceu e retornou à cadeia.

— Descobriu alguma coisa, xerife? — quis saber Emmet.

— Pistas... Apenas pistas... Falem-me sobre esse tal de Stanley Ross — pediu.

— É um homem muito rico. Chegou aqui há uns cinco anos. Começou a comprar terras e gado e, desde então, não parou. Fica cada vez mais rico. Soube que andou fazendo umas ofertas pelas terras ao sul da cidade e na direção Billings.

— Há um mapa do território por aí? — quis saber o xerife.

— Sim, numa dessas gavetas aí — apontou Emmet.

Colorado procurou, até encontrar. Abriu-o. Examinou a posição de Milles City, entre Glendive e Billings. Era uma enorme extensão de terra. Qual o interesse de Stanley Rose naquelas propriedades todas?

Todas as suas investigações o conduziam àquele nome. O dinheiro com o pistoleiro. Não fora sacado por nenhum outro cliente, exceto Stanley Ross.

O mesmo Stanley era o dono das terras por onde a quadrilha de ladrões e assassinos circulava livremente.

Além disso, estava comprando terras. Precisava de muito mais dinheiro do que se poderia imaginar para fazer tudo isso.

De onde estava vindo esse dinheiro? De seu enorme rancho? Do gado roubado? De onde?

— Falando no diabo, olha ele ali em pessoa — comentou Rock, olhando pela janela.

Colorado foi até lá. Stanley Ross passava na rua, todo imponente, num cavalo branco puro-sangue.

Vestia-se com elegância e usava um chapéu de abas largas, projetando sombra em seu rosto.

Colorado observou que Stanley parou ao passar diante do banco. O gerente foi até a rua e conversou alguma coisa com ele.

Stanley demonstrou certo aborrecimento, pois esporeou o cavalo, quase derrubando o gerente do banco.

— Acho que preciso conhecer de perto essa figura — falou Colorado.

— É bom tomar cuidado, xerife. Aqueles homens que o acompanham são pistoleiros da pior espécie.

— Estou acostumado a lidar com esse tipo de gente — afirmou o xerife, checando sua arma, antes de sair da cadeia.



Faster sabia que seu instinto índio estava certo. Seguindo a direção da pista deixada pela quadrilha, só havia uma possibilidade de encontrar um esconderijo.

À beira de um regato, junto a uma colina, havia uma cabana, que os vaqueiros usavam no inverno, quando vinham à procura de desgarradas.

Teve certeza que havia gente lá dentro pela fumaça. Além disso, havia seis cavalos no curral.

Deixou seu cavalo a uma distância prudente e se aproximou, procurando se certificar.

Afinal, podiam ser apenas alguns vaqueiros, por isso ficou a espreita, aguardando.

Viu quando um deles deixou a cabana com um balde na mão e foi até o rancho apanhar água.

Pela maneira como carregava a arma não parecia um vaqueiro. Além disso, a maneira desconfiada como sondava os arredores demonstrava que era alguém que esperava, a qualquer momento, uma surpresa, coisa típica de quem tem culpa em cartório.

O xerife iria gostar de saber daquilo. A quadrilha encontrara um bom esconderijo, no meio da fazenda de Stanley Ross.

Faster foi apanhar seu cavalo e se apressar em retornar à cidade, tomando todo o cuidado para não ser apanhado por uma das patrulhas dos guardas daquele rancho.



Stanley e seus capangas estavam no saloon. Colorado entrou, memorizando a posição de cada um deles.

Eram pistoleiros experientes aqueles, pois se postaram ao lado da porta, na janela, no

fundo do saloon e ao lado do balcão, enquanto o patrão se sentava a uma mesa, protegido por aquele círculo armado.

Havia uma garrafa sobre a mesa onde Stanley se sentara, juntamente com um copo. Assim que Colorado entrou, Stanley olhou-o com desdém.

— Venham beber comigo, xerife — convidou. — Pegue um copo para você no balcão.

O xerife não gostou do tom usado pelo fazendeiro. Parecia o patrão dando ordens a um subordinado.

— Não, eu agradeço. Estou de serviço — disse Colorado, puxando a cadeira e se sentando.

Na posição em que estava podia ver quatro dos capangas ali presentes. O quinto ficara exatamente a suas costas.

Não gostava daquilo. Punha-o nervoso.

— Soube que meus homens o barraram na entrada de minhas terras — comentou o latifundiário, bebericando seu uísque.

— Nós seguíamos uma pista inútil. Ela acabava no meio de sua manada.

— Uma pena, xerife. Se tivesse ido me procurar e pedido a minha ajuda...

— Pelo contrário, acho que você deveria pedir a minha ajuda — cortou-o o xerife.

— Não entendo — comentou Stanley.

— Se minhas conclusões não forem falhas, aquele bando está se escondendo em suas terras, talvez misturando o gado roubado com o seu. Já imaginou está possibilidade?

Stanley Ross empalideceu. A mão que segurava o copo tremeu ligeiramente. Colorado viu os pistoleiros a sua frente se apurarem, como que incomodados com alguma coisa.

— Talvez queira vasculhar minha propriedade — falou o fazendeiro, tentando demonstrar naturalidade.

— Eu agradecerei a sua autorização.

— Está concedida, xerife. Tudo o que precisar para apanhar essa quadrilha.

— É bom contar com cidadãos como você, Stanley. A propósito, fez algum pagamento grande nos últimos dias?

— Ora, xerife, mexo constantemente com grandes quantias. Por que pergunta?

— Fez algum negócio de mil dólares? — insistiu Colorado, tentando provocar o fazendeiro.

Vira sua reação, quando o gerente do banco conversara com ele. Se o assunto fora a visita do xerife ao banco, a reação de Stanley era um sinal de que tinha alguma coisa a ver com o dinheiro encontrado com Dam Rowlings.

— Não me lembro das quantias, xerife, mas tenho tudo registrado em meus livros. Se quiser olhá-los...

— Não, agradeço. Acho que não encontraria o que procuro.

Levantou-se e fez menção de sair. Parou, no entanto, voltando a encarar o fazendeiro.

— O que há de especial entre Clendive e Billings? — indagou, sondando a reação do outro.

Stanley empalideceu novamente. O brilho em seus olhos refletiu um ódio inesperado.

Colorado sentiu que estava conseguindo perturbá-lo.

— Terras são a minha paixão — disse Stanley, num fio de voz.

— Eu também gosto de terras. Até comprei uma "hacenda" em Las Cruces, na divisa com o México. Não é tão grande como sua propriedade, mas me satisfaz, Stanley — ironizou, rumando para a porta.

Atrás dele, Stanley fez um sinal para o capanga que estava junto da porta. Quando Colorado se aproximou, o pistoleiro se pôs diante dele.

— Você é um ex-delegado federal, não? — comentou.

— Sim, e o que tem?

— Eu o vi matar um homem há dois anos, em Búfalo. Nem deu uma chance ao pobre diabo. Ainda bem que usava uma estrela. Caso contrário, teria sido linchado como um covarde

qualquer — continuou o outro, com a deliberada intenção de provocá-lo.

Colorado entendeu imediatamente a jogada. Havia mais quatro homens no saloon, esperando a chance para matá-lo.

Stanley se precipitara e isso era um bom sinal. Apavorá-lo a ponto de fazê-lo ordenar sua morte era a resposta que procurava. Conseguira atingi-lo, dando a entender que suas investigações caminhavam no rumo certo.

— Eu não gosto dessa palavra que você usou — murmurou o xerife, recuando um passo.

Ouviu o movimento dos homens atrás de si. Pelo canto dos olhos observou Stanley acompanhar toda a cena sem intervir.

— E o que fará a respeito? — desafiou o capanga.

A porta do saloon se abriu e Faster e Emmet entraram com suas espingardas engatilhadas.

— Algum problema, xerife? — indagou Emmet.

— Um bocudo precisando de uma lição — respondeu e, antes que o pistoleiro diante do si pudesse esboçar um gesto de reação, Colorado esmurrou-o no queixo, jogando-o para fora do saloon.

— Todo mundo quieto — berrou Emmet. — Essa conversa é particular — explicou, mantendo os outros sob a mira, assim como o fazia Faster.

Lá fora, atordoado, o capanga de Stanley tentou se levantar, mas a ponta da bota do xerife atingiu-lhe a boca, fazendo-o engolir alguns dentes.

O homem gemeu, tombando na poeira. Sua mão procurou a arma. Mais rápido, Colorado sacou a sua e disparou uma única vez.

A bala atingiu a cabeça do pistoleiro, rachando-a como a uma abóbora madura, num som seco e tétrico.

O capanga estrebuchou no meio da rua. Colorado retornou ao saloon.

— Eu sinto muito, xerife. Trabalhava para mim, mas parece que não se simpatizava com você... — zombou Stanley.

— Quando eu terminar por aqui, pode ter certeza que muita gente não vai se simpatizar comigo — prometeu, saindo, seguido pelos ajudantes.

Mantê-los do lado de fora do saloon fora uma boa medida. Não fosse isso, teria corrido um risco enorme lá dentro, com aqueles cinco pistoleiros.

— Bom trabalho, rapazes! Acho que dei o que pensar ao Stanley.

— Ouvi quando ele autorizou a entrada nas terras dele, xerife. Pretende mesmo voltar lá? — quis saber Emmet.

— Tudo vai depender do que Faster descobrir por lá — respondeu.

Frank, o capataz do Rancho Bosler, foi ao encontro do grupo.

— Olá, xerife! Quero agradecê-lo por sepultar os rapazes lá no rancho.

— Ora, esqueça! como estão os feridos?

— Em recuperação. Minha patroa já acordou e pediu para falar com você.

— Vamos até lá, então.

— Estive lá no rancho, xerife, e na volta passei nas outras propriedades — foi dizendo Frank, enquanto caminhavam. — Os pequenos rancheiros estão apavorados. Falam em vender as terras...

— Para Stanley Ross?

— Sim, todos já haviam recebido uma oferta antes. Com o ataque ao rancho ontem, todos se apavoraram. Stanley veio à cidade hoje apenas para negociar com eles. Veja, estão começando a chegar — disse, apontando as carroças que seguiam devagar pela rua principal.

— Vender as propriedades é fazer o jogo de Stanley veio à cidade hoje apenas para negociar com eles. Veja, estão começando a chegar — disse, apontando as carroças que seguiam devagar pela rua principal.

— Vender as propriedades é fazer o jogo do Stanley. Não posso deixar isso acontecer — afirmou Colorado, retornando ao saloon.

Quando entrou, Stanley discursava para os pequenos fazendeiros ali presentes.

— ... com o dinheiro poderão ir para o oeste, para a Califórnia, onde há terras baratas, bom clima, excelente oportunidade para todos.

— Mas temos nossas casas aqui e tudo o mais — lembrou alguém.

— O velho Bosler tinha uma casa até ontem à noite. O que ele tem hoje? — argumentou Stanley, provocando um murmúrio de pavor entre aquela gente simples.

— Meus amigos! — interrompeu Colorado. — Não há motivos para pânico. Não vendam suas terras assim...

— E por que não, xerife? Onde estava ontem à noite, quando mandaram avisá-lo de que seríamos atacados? — disse alguém com raiva.

— Ninguém falou em ataque ontem à noite. O aviso que recebi falava da movimentação de alguns homens naquela região. O que eu poderia ter feito?

— E o que poderá fazer de agora em diante, com seus três ajudantes? É um homem, não um mágico, xerife. Como vai patrulhar toda a região? — insistiu um dos rancheiros.

— Tempo, um pouco de tempo, é tudo que lhes peço. Tempo para concluir minhas investigações. As pistas que tenho em mão são importantes e podem me levar à solução de todo esse problema — afirmou, observando a reação de Stanley.

A segurança do xerife dava a entender ao fazendeiro que havia fortes pistas em jogo.

— Não tenho pressa, rapazes, em comprar as terras. Estou aguardando umas propostas do pessoal de Glendive. Se eu não comprar aqui, comprarei lá — falou Stanley, tentando forçar uma decisão.

— Só preciso de mais uns dias. Esperem um pouco — pediu o xerife.

— Eu digo que nós podemos confiar no xerife — disse uma voz feminina, firme, apesar de combatida.

Todos se voltaram para a porta. Anne Bosler entrava, apoiada em Frank.

— Estas terras são a nossa vida. Meu pai morreu defendendo a dele. O xerife é um homem incomum, acostumado a lidar com bandidos como esses que nos aterrorizam. Tenho certeza que ele irá apanhá-los mais depressa do que imaginamos.

— Confia nele tanto assim, Anne? — perguntou um dos rancheiros.

— Totalmente.

— Se Anne confia nele, nós também confiamos — decidiu um, logo seguido pelos outros.

Stanley, irritado, deixou o saloon apressadamente. Colorado foi ter com Anne. Mais do que nunca, aquela figura feminina tão decidida o impressionava.

— É uma mulher corajosa, senhorita, mas deveria estar repousando — observou Colorado.

— Terei muito tempo para descansar depois, xerife. Agora quero fazer o possível para ajudá-lo a prender aqueles bandidos.

— Vai me ajudar se concentrar apenas em recuperar a saúde. Ainda está pálida e fraca...

— Não o bastante para ficar presa numa cama, xerife. Precisamos estabelecer um plano para evitar que novos ranchos sejam atacados. Pode nos ajudar nisso?

— Claro que sim — prontificou-se Colorado.

Com a ajuda dos rancheiros, foi montado um grupo de vigilantes que patrulharia os limites das propriedades menores com as de Stanley.

Colorado não disse isso claramente, mas deu a entender que de lá é que vinha a ameaça.

— Agora que já resolvemos essa parte, gostaria que fosse repousar — pediu Colorado e Anne.

— Não vou voltar para aquela enfermaria, nem posso voltar para o meu rancho — disse a garota.

Colorado pensou por instantes.

— Acho que sei onde pode ficar — decidiu. — Rock, leve-a até a casa que destinaram a mim.

— Não posso aceitar isso — protestou Anne.

— Por que não? Vou estar ocupado demais para ocupar uma casa. Além disso, se tiver sono, durmo numa das celas da cadeia...

— Está sendo bondoso demais — afirmou ela.

— Esqueça. Só passarei lá mais tarde para apanhar uma muda de roupa. Minhas coisas foram todas levadas para lá.

Anne aquiesceu com um sorriso terno e agradecido.



Mal havia deixado a cidade, Stanley freou violentamente seu cavalo, fazendo o animal empinar e relinchar de dor.

Estava possesso com a situação do xerife que, além de humilha-lo matando um de seus capangas, ainda frustrara todo o seu plano de comprar as terras ao sul da cidade.

Aquilo exigia providências drásticas.

— Joe, quero que procure Oliver lá nos pastos e que diga para ele mandar três daqueles pistoleiros que vieram de Tombstone à cidade. Quero que matem o xerife.

— Certo, patrão!

O capanga saiu a galope. Stanley esporeou seu cavalo, rumando para a sede de sua propriedade. Quando lá chegou, percebeu que alguém o esperava, pois havia um par de cavalos estranhos amarrados à porta.

Quando entrou, já sabia de quem se tratava. Engoliu seco e adotou um ar submisso.

— Stanley, o que está havendo? — indagou um dos homens sentados tranqüilamente na sala. — Está trocando os pés pelas mãos?

— Não, apenas um acidente de percurso, mas está tudo sob controle...

— Então por que a pressa? Bastava roubar o gado deles, deixá-los endividados. Então tomaríamos as terras. Por que a pressa? — insistiu o homem, que vestia uma elegante casaca.

— Prometo que tudo se resolverá, Sr. Wordland.

— Espero que sim, Stanley. Eu e meus sócios estamos investindo muito dinheiro nesta operação. Não vá pôr tudo a perder.

— É aquele xerife... Vou cuidar dele — falou Stanley, indo apanhar um uísque.

— Nisso você também está exagerando — comentou o outro. — Não é mesmo, prefeito.

— Concordo com você. Fizemos toda aquela encenação para dar a entender que tínhamos interesse em resolver o assunto. Colorado Stone seria o bode expiatório no momento certo...

— Mas ele tem pistas, pistas fortes e... — ia dizendo Stanley.

— Que pistas? Rastros que se perdem no meio de uma boiada? Um maço de notas? O fato de você estar comprando terras? E daí? O que isso quer dizer? Nada! Ele nada tem contra você, percebeu? — repreendeu-o o outro.

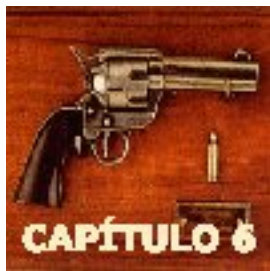
O prefeito concordou com movimentos de cabeça, quando Stanley olhou na sua direção.

— Mandei matar o xerife — informou o fazendeiro.

— Não foi uma boa idéia...

— Espere aí, se o Stanley se sente mais tranqüilo com o xerife fora do caminho, tudo bem. Podemos nomear Oliver em seguida e tudo será como havíamos planejado no começo.

O outro ficou pensativo por instantes, depois concordou, para alívio de Stanley.



— Como pode ter certeza de que era mesmo a quadrilha e não vaqueiros ou capangas que vigiam o rancho? — indagou Colorado a Faster, que havia acabado de chegar.

— Os cavalos ainda estavam suados, xerife, como se tivessem cavalgado toda a maldita noite. Vaqueiros não fazem isso. O homem que saiu para apanhar água, saiu armado e olhava para os lados como se esperasse uma emboscada. Para finalizar, segui a direção que a pista

apontava. Só havia aquele esconderijo, num raio de cinqüenta milhas.

— A que distância eles estão?

— A uma três horas daqui.

— Devem estar descansando da noite atribulada e preparando novos ataques. Precisamos pegá-los de surpresa. Ao entardecer seria o melhor horário — ponderou o xerife.

— Se são eles e se os pegarmos, solucionaremos todos os problemas dos rancheiros — falou Rock.

— Nem todos, Rock. Acho que os problemas aqui são mais sérios do que eu pensava. Me intriga o fato de Stanley estar comprando tanta terra. Por quê? E de onde vem tanto dinheiro assim? — intrigava-se o homem da lei.

— São planícies e pastos, com algumas ravinas e colinas, nada além disso, xerife — observou Emmet.

— Se for para criar gado, onde ele arranjará tantas cabeças para preencher essas terras? — completou Faster.

— Há alguma coisa grande por trás de tudo isso e acho que sei quem poderá nos ajudar.

— Quem, xerife?

— Um amigo na Secretária da Justiça, em Washington. Era o meu chefe, quando eu era delegado federal. Vou lhe mandar uma carta pela diligência, pedindo que faça algumas investigações.

— Por que não usa o telégrafo? — questionou Rock.

— Sigilo, Rock! Em pouco tempo toda a cidade saberia o que procuro e isso alertaria um bocado de gente.

— Do que desconfia afinal, xerife?

— Vocês ficaram sabendo no devido tempo. Agora vou escrever aquela carta — decidiu Colorado, indo para sua escrivaninha.

Quando terminou, pediu a Rock que despachasse e foi ao saloon, almoçar.

Pedi um bom bife e feijão, atacando o prato vorazmente. Na volta decidi passar pela casa que lhe fora destinada e apanhar umas roupas.

Anne o recebeu com alegria. Parecia bem melhor, pois as cores haviam voltado a suas faces e seus olhos brilhavam, cheios de vida novamente.

— Tomei a liberdade de passar suas roupas, xerife — disse ela. — Estavam todas amarrotadas.

— Não precisava se incomodar...

— Ora, era o mínimo que eu poderia fazer, depois de sua gentileza.

— Fique o quanto quiser — ofereceu ele.

— Apareça quando quiser, também. Sou boa cozinheira, adoraria fazer-lhe o jantar qualquer dia desses.

— Sim, qualquer dia desses — concordou ele, agradecendo e saindo.

Anne ficou na porta, olhando-o se afastar. Era um homem maduro, calejado, mas com um bom coração por trás de toda aquela aparência de durão.

Um homem de verdade, que despertava nela desejos de mulher. Voltou para o interior da casa e parou diante de um espelho.

Seus cabelos estavam horríveis. Ela estava toda horrível. O que Colorado poderia ver nela?

Aborreceu-se com essa idéia.



Billy Cachorro Louco, Dodge Bull e Red Daniel era um trio da pior espécie. Expulsou de Tombostone por roubar nas cartas e promover arruaças, o trio acabara indo parar em Milles City.

Suas habilidades com as armas logo chamaram a atenção e Oliver os contratará para patrulhar as terras de Stanley Ross.

Eram homens sem escrúpulos e ambiciosos. Poucos na cidade sabiam que eles trabalhavam para Stanley, mas isso era o de menos naquele momento.

O importante era que Oliver os julgava talhados para a missão toda especial que estabelecida pelo patrão.

— Quem é esse xerife que vamos matar? — indagou Billy Cachorro Louco, um mestiço apache que se vestia como um branco e se parecia com um branco, exceto pelos longos e lisos cabelos.

— Seu nome é Colorado Stone — informou Oliver.

Os três trocaram olhares cheios de significado. Conheciam o Delegado Stone. Não seria uma tarefa das mais fáceis, mesmo sendo três contra um.

— Quanto ganharemos com isso? — quis saber Dodge Moore, um homem esquelético, que se vestia de preto, como se fosse um pastor.

— O recado que recebi não falava em dinheiro, mas sei que o Sr. Stanley será generoso, caso façam o trabalho como ele pediu — falou Oliver.

— Não será fácil matar Colorado Stone — comentou Red Daniel, um irlandês alto e gordo, de longas barbas e suíças, rosto vermelho e inchado.

— Por isso vocês três estão sendo mandados. Se há alguém que possa fazer o trabalho, são vocês — elogiou Oliver.

— O que acham, rapazes? — indagou Billy, olhando interrogativamente para os parceiros.

— Acho que podemos fazer o serviço depois discutir o preço. Como Oliver disse, o Sr. Stanley é um homem muito generoso — ponderou Red Daniel, com seu vozeirão grave e tonitroante.

— Então vamos para a cidade. Quero pegar esse xerife antes do escurecer. Será seu último pôr-do-sol — sentenciou Dodge.

O trio foi selar os cavalos e, momentos mais tarde, partiam rumo à cidade.

— Como vamos fazer a coisa? — indagou Billy.

— Do nosso jeito, você sabe — disse Dodge, rindo.

— É disso que eu gosto — gritou Red Daniel, gritando e esporeando seu cavalo.

Chegaram à cidade pouco antes do entardecer. Assim que atingiram o começo da rua principal, sacaram suas armas e começaram a disparar para o alto, gritando e uivando como um bando de vaqueiros bêbados.

Os cidadãos pacatos correram em busca de proteção. Carroças dispararam. Cavalos se assustaram, lançando cavaleiros no chão. O trio passou como um furacão diante da cadeia e foi parar em frente do saloon, onde desmontaram e entraram com grande alarido.

— Que diabos foi isso? — quis saber Colorado, saindo à porta.

— Parece um grupo de vaqueiros festejando, xerife — informou Rock.

— Alguém deveria ensinar bons modos a eles. Poderiam ter matado alguém com essa balbúrdia...

— Deixe comigo, xerife. Vou até lá conversar com eles, enquanto vocês se preparam para ir no encalço daquela quadrilha — propôs o garoto.

— Certo, Rock, mas não se arrisque. Se surgir problema, venha nos avisar.

— Não se preocupe, xerife — disse Rock, apanhando sua cartucheira e rumando para o saloon.

De vez em quando os vaqueiros se exaltavam e descarregavam suas armas para o céu. Nada de mais. Estavam apenas comemorando.

Entrou no saloon com tranqüilidade. O grupo estava no balcão, bebendo e recarregando as armas.

— Ok, rapazes! Vamos deixando de lado essa artilharia — disse, sem suspeitar de nada.

Os homens guardaram as armas nos coldres, depois levantaram os olhos para o ajudante.

Rock estremeceu. Já vira tipos perigosos na aparência, mas aqueles pareciam ser os piores.

— Onde está seu chefe? — indagou Billy.

— Mandando meninos fazerem o trabalho de homens — provocou Dodge.

O rapaz recuou lentamente. A espingarda em sua mão seria inútil naquele momento. Antes que fizesse um gesto, seria morto.

Red Daniel se adiantou e cortou a saída de Rock, ficando entre ele e a porta.

— Acho melhor se comportarem, rapazes, ou vão arrumar encrenca...

— Encrenca é o nosso nome, garoto. Comemos e bebemos encrenca. Encrenca é a nossa vida. Adoramos isso — comentou Billy. — Nossa diversão e brincar com garotinhos como você, que pensam que são homens, mas não passam de bebes de fraldas sujas.

As poucas pessoas que já haviam chegado ao saloon para a noitada trataram de ir saindo. somente os quatro ficaram.

— E então, bebê? Para que carrega essa arma aí? — provocou Red Daniel.

— Acho melhor se acalmarem. O xerife está vindo aí e... — não chegou a terminar.

Red Daniel se adiantou e arrancou a espingarda de sua mão. Quando fez menção de protestar, a coronha da arma se afundou em seu estômago.

Rock sentiu que todo o ar de seus pulmões fora expelido de uma só vez. Dobrou-se para frente. A coronha da arma subiu, como um relâmpago amarelado, atingindo-o na testa, jogando-o para trás, sobre uma das mesas.

Red Daniel riu, assanhado pelo cheiro de sangue. Avançou para Rock e o segurou pelos colarinhos, erguendo-o com facilidade.

Rock puxou a faca que trazia à cintura e golpeou entre as costelas do seu agressor.

Red urrou de dor e fúria, atirando o rapaz contra o balcão, como se ele fosse um graveto.

Retirou a faca. O sangue manchou sua camisa.

— Maldita! Vou matá-lo por isso — rosou, avançando contra Rock, que tentava se pôr em pé.

Red o agarrou pelos cabelos e pôs a faca contra a garganta do ajudante.

— Não faça isso! — gritou Colorado, surgindo à porta.

Alguém que saíra do saloon correrá avisá-lo da encrenca em que Rock estava se metendo.

Por momentos seu olhar e o de Red Daniel se cruzaram, faiscantes. O desesperado sorriu malignamente e deslizou a faca com força, cortando a garganta de Rock, que rouqueijou macabramente e esperneou, suspenso pelos cabelos.

Red voltou a repetir o movimento com a faca, separando a cabeça do corpo, que caiu no assoalho e ficou estremeando.

Colorado já vira coisas incríveis em sua vida, mas nada se comparava ao olhar surpreso e desesperado de seu ajudantes. Aquela cabeça ainda não estava consciente da morte que chegava rapidamente.

Billy e Dodge pretendiam não dar chance ao xerife, aproveitando-se de sua surpresa para sacar suas armas.

Não tiveram tempo para isso. A arma do xerife voou para fora do coldre. O primeiro tiro atingiu a testa de Red Daniel, que balançou, mas continuou em pé, segurando a cabeça de Rock.

O segundo tiro explodiu no peito de Billy Cachorro Louco, lançando-o para trás, contra o balcão.

Dodge desistiu de sacar e tentou correr em busca de abrigo ou proteção.

O terceiro tiro de Colorado o atingiu na espinha, um pouco abaixo do pescoço.

O corpo do pistoleiro estremeceu e se desgovernou, caindo no assoalho como um boneco desarticulado.

Ficou piscando e gemendo, boca aberta, por onde escorria um filete de sangue.

Colorado sabia que a morte era uma questão de tempo para o pobre diabo.

O que o punha surpreso era Red Daniel, ainda em pé, com o sangue escorrendo pelo orifício em sua testa, segurando a cabeça do ajudante.

Os olhos do bandoleiro estavam fixos e sem brilho, como se a vida se esvaísse rapidamente por eles.

Colorado disparou mais uma vez, desta feita contra o peito do seu oponente, que

definitivamente, tombou sem vida.

Por um longo tempo o xerife ficou ali, olhando aquela cena, maldizendo a morte inútil de um jovem promissor e cheio de vida.

— Alguém os conhece? — indagou às pessoas que foram se ajuntando.

— Eu já os vi aqui, xerife, há algum tempo atrás — falou o ferreiro. — Deixaram seus cavalos para serem ferrados, fizeram algumas arruaças, depois partiram, dizendo que haviam encontrado trabalho...

— Quem daria trabalho para homens como esses? — indagou o homem da lei.

— Saíram da cidade com Oliver, o capataz do Sr. Ross — informou o homem.

— Maldito! — vociferou Colorado.

A cada vez mais se convenciu de que o rancheiro estava por trás de tudo aquilo que acontecia naquela cidade.

— Faster, vamos fazer aquela visita. Alguém avise a família de Rock, mas não a deixem ver o rapaz nesse estado. Peçam ao papa-defuntos para caprichar no trabalho — decidiu o xerife, cheio de ódio e desejo de vingança.



Wolf Baker e seus cinco irmãos atacaram vorazmente a comida sobre a mesa, comendo como verdadeiros animais, disputando avidamente cada pedaço de guisado com feijão.

— Como vai ser hoje à noite, Wolf? — indagou Bret, o mais novo dos irmãos, cuspidando para longe a rolha da garrafa de uísque.

Tomou um gole. Antes que terminasse, seu outro irmão, ao lado, arrancou bruscamente a garrafa de seus lábios.

— Me dá isso de volta — protestou Bret, mas Willy deu-lhe um cascudo no alto da cabeça, mandando-o ficar quieto.

— Há aquele pequeno rancho, perto da ravina, a umas cinco milhas do Rancho Bosler. Sei

que há apenas o capataz e meia dúzia de homens lá — informou Wolf, tomando a garrafa da mão de Willy e entornando-a.

A bebida encheu sua boca, quase engasgando-o, derramando-se pelo seu queixo e indo encharcar seu peito.

— E os vigilantes? Oliver mandou avisar que eles formaram um grupo de vigilantes — lembrou Pierce, outro dos irmãos.

— Não gosto de vigilantes, Wolf — disse Murdo, numa voz estranha, gutural, fruto de uma bala que lhe atravessara a garganta num duelo.

— Esses vigilantes não são de nada. Quando surgirmos disparando, eles vão borrar nas calças e correr até o Canadá — brincou Mott, o mais louco de todos eles, caindo na gargalhada.

— Acho que devemos ir e tentar localizar esses vigilantes, Wolf. — disse Bret. — Se nós os pegarmos, ninguém mais vai querer brigar conosco.

— Acho que Bret tem razão, Wolf — concordou Pierce.

— Assim que se fala, rapazes — falou Mott, tomando a garrafa de uísque de despejando o líquido goela a dentro.

Lá fora anoitecia. em breve uma enorme lua cheia viria para clarear a pradaria. Os Baker se preparavam para mais uma cavalgada noturna.



O grupo cavalgava em silêncio, no lusco-fusco do entardecer. O sol já se pusera, mas ainda persistia sobre a pradaria uma claridade esmaecida.

Todos ainda estavam chocados com a morte inesperada e violenta de Rock, naquela tarde.

O mais enfurecido de todos eles era Colorado, que não podia tirar de sua mente aquela cena estarrecedora.

Em toda a sua vida de delegado federal, correndo o oeste em busca de foras-da-lei, vira as piores atrocidades. Nenhuma, porém, se igualava àquela.

Concluiu que estava mesmo cansado daquela vida. Precisava acabar logo com aquele serviço, pendurar as armas e ir cuidar de sua hacienda em Las Cruces.

— Ainda falta muito? — indagou Emmet, que cavalgava com o rifle apoiado contra a coxa, como se esperasse encrenca a qualquer momento.

— Não muito — respondeu Faster, de olho em um bando de pirilampos que circulava ao redor deles.

Com uma habilidade incomum, Faster apanhou alguns, seguido por Emmet.

— Para que isso? — indagou Colorado.

— Nunca caçou à noite, xerife? — retrucou Faster.

— Sim, mas nunca cacei vaga-lumes.

— Não estamos caçando vaga-lumes. Estamos caçando com vaga-lumes — corrigiu o ajudante.

— E qual é a diferença?

— Faster só o está confundindo, xerife. Veja isso — disse Emmet, esmagando um vaga-lume na mira do rifle, depois outro na ponta do cano.

Entregou a arma a Colorado, que fez mira com ela. A luminosidade impregnada na alça de mira e na mira tornava fácil enquadrar uma presa e disparar.

— Bem pensado, rapazes — elogiou, devolvendo a arma e Emmet e tratando de apanhar seus próprios vaga-lumes.

Pouco depois chegavam próximos da colina. Faster recomendou que deixassem os cavalos e seguissem à pé.

Aproximaram-se cautelosamente da cabana. A lua cheia e enorme começava a surgir no céu.

— Vejam, lá está a cabana, como eu falei — apontou Faster. — Os cavalos ainda estão no

curral e há fumaça.

— Bom trabalho, Faster — elogiou o xerife. — Precisamos pegá-los de surpresa e nos certificarmos de que se trata mesmo da quadrilha que procuramos.

— Como pretende fazer isso? — indagou Emmet.

— Só há uma forma. Indo lá e perguntando para eles — respondeu Colorado Stone.

— Assim tão simples? — retrucou Emmet, perplexo.

— Assim tão simples — confirmou o homem da lei. — Vocês me seguem e me dão cobertura. Vou entrar na cabana. Assim que entrar, sairei para o lado, permitindo que você, Faster, tenha uma visão do interior, enquanto que Emmet assume sua posição naquela janela aberta. Entenderam?

— Sim — confirmaram os dois.

— Talvez não sejam eles e não tenhamos problemas. Mas, se Faster estiver certo, preparem-se para toda sorte de encrenca, rapazes — alertou o xerife, examinando seu revólver, depois sua Winchester.

Os ajudantes fizeram o mesmo.

— Estão prontos? — quis saber Colorado.

— Preparados! — respondeu Emmet e Faster confirmando com um aceno de cabeça.

Os três começaram a descer lentamente a colina, na direção da cabana.

A lua subia lentamente, jogando uma claridade de prata sobre a planície. O regato tornava fresco o ar, mas pairava um cheiro de morte naquele lugar.

Músculos tensos e sentidos em alerta conduziram aqueles três homens ao encontro de seus destinos.

Repentinamente, a porta se abriu e a luz de um lampião alongou-se diante da cabana.

Bret ficou um segundo surpreso e estático, vendo aqueles três vultos que caminhavam silenciosamente na sua direção.

— Alto! Quem vem lá? — indagou, levando a mão à cintura.

Colorado percebeu que haviam perdido o efeito surpresa. Viu o vulto na porta da cabana tentar sacar a arma. Antes que o fizesse, ele e seus ajudantes levantaram os rifles e dispararam quase que ao mesmo tempo.

A idéia dos ajudantes funcionou. Foi fácil enquadrar o homem na porta da cabana.

Três tiros soaram ao mesmo tempo e o corpo ensangüentado e sem vida de Bret foi atirado para dentro.

Tudo transcorreu no tempo de um simples segundo. O lampião foi arrebatado com um tiro. Uma chuva de balas partiu da cabana, na direção dos homens na lei.

— Protejam-se! — gritou Colorado, saltando atrás de um tronco.

Seus ajudantes conseguiram também se cobrir a tempo e as balas zumbiram como abelhas sobre suas cabeças.

— Malditos! Mataram meu irmão caçula... Ele está morto — berrava no interior da cabana um dos homens.

— Cale a boca, Mott, e mande balas nesses malditos...

— Eu vou sair, Wolf... Vou lá fora apanhá-los...

— Não seja idiota... Abaixese — ordenou Wolf Baker ao seu irmão.

Do lado de fora, Colorado se lembrou daqueles nomes. Wolf Baker e Mott Baker. Possivelmente junto com eles estavam Bret, Willy, Pierce e Murdo, a Quadrilha Baker, um bando de arruaceiros e assassinos procurados em todo o Oeste.

— Rendam-se Bakers — gritou Colorado. — Tenho aqui uma patrulha e muita munição. Poderemos ficar aqui toda a noite, mas não tenho paciência para isso. Prefiro queimar logo essa cabana e acabar com o assunto rápido — ameaçou ao final.

— Quem está falando? — quis saber Wolf.

— Colorado Stone, o xerife de Milles City.

— Maldito seja mil vezes por matar meu irmão caçula, xerife. Não nos pegará vivos. Terá

de vir nos buscar — afirmou Wolf, sondando a semi-escuridão lá fora.

Quando a lua surgisse de todo, poderia ver o tamanho daquela patrulha. Até então, não sabia quantos homens havia lá fora.

— Conseguiram ver quantos há lá fora? — indagou aos irmãos.

— Não. Quando disparamos eles apenas se esconderam e não responderam ao fogo. Pode ser meia dúzia ou cinqüenta, quem saberá? — retrucou Murdo, com sua voz estranha.

— Fogo neles! Vamos ver se reagem — ordenou Wolf e os irmãos voltaram a disparar selvagememente.

— Não atirem, rapazes — ordenou Colorado, lá fora. — Eles ainda não sabem quantos somos.

— O que faremos em seguida, xerife? — quis saber Emmet, o rifle apontado para a cabana à procura de um alvo, mas apenas as línguas de fogo das armas eram visíveis.

— Vamos ter que agir rápido, rapazes. Quando a lua surgir de todo, seremos alvos fáceis.

— Xerife, posso rastejar pelo barranco do rancho até um ponto longe da visão deles e retornar esgueirando-me por aquelas árvores — apontou. — Dali posso atear fogo no telhado da cabana. O que me diz?

— Acho que é a melhor coisa a fazer, Faster. Enquanto isso, Emmet, vamos ver se você é bom mesmo com esse rifle. Mire um pouco à esquerda do clarão das armas — ordenou o xerife.

Faster recuou sorrateiramente. Emmet mirou cuidadosamente. Quando uma das armas disparou na cabana, ele respondeu ao fogo.

Um grito de dor se ouviu logo em seguida.

— Maldito! Ele me acertou, Wolf... Estou sangrando... Estou baleado, rapazes... — ficou repetindo Willy, estendido no chão da cabana.

Os demais irmãos concentraram fogo no ponto de onde partira o disparo. Emmet se protegeu, enquanto as balas assobiavam e arrancavam lascas do tronco atrás do qual se ocultara.

Colorado aproveitou o momento. Mirou na direção da cabana e apertou o gatilho.

Pierce Baker parou de atirar no mesmo instante e caiu de joelhos. Passou a mão no peito. Sentiu-o molhado. O cheiro de sangue impregnava o ar.

— Wolf — chamou ele.

— O que foi, Pierce?

— Acho que ele me acertou — respondeu o facínora, caindo de cara no chão.

— Parem de atirar, rapazes! — ordenou Wolf.

Willy havia parado de gemer. Estava morto.

— Wolf, eles já mataram Bret, Willy e Pierce — comentou Murdo.

— Eu sei, diabos!

— Eles vão nos matar como patos numa lagoa, Wolf — comentou Mott. — Vamos sair disparando...

— Seríamos mortos mais rápido ainda — observou Wolf, posicionando-se junto à janela. — Você aí fora! — gritou.

— O que quer? — respondeu Colorado.

— O que nos acontecerá se nos entregarmos? — quis saber o bandido.

— O que está falando, Wolf? — protestou Murdo.

— Cale-se, idiota! Estou tentando salvar nossas peles.

— Depende do que tiver a nos oferecer — negociou Colorado.

— Como assim?

— Sei que não estão agindo por conta própria. Quero uma confissão e o nome do mandante de tudo isso que estão fazendo.

— Deixe-me conversar com meus irmãos.

Faster tomou posição na lateral da cabana, preparando para atear-lhe fogo, esperando um sinal do xerife.

Lá dentro os irmãos confabulavam.

— Como pode negociar com alguém que matou três dos nossos irmãos? — protestou Murdo.

— Ele tem razão — concordava Mott.

— Ouçam-me, seus imbecis. É a única forma de nos livrarmos dessa encrenca. Fazemos um negócio com eles até que possamos nos vingar. Não pensem que vou deixar por menos as mortes de nossos irmãos. Façam o seguinte. Escondam algumas armas pela cabana. Vamos nos entregar e esperar uma chance.

Wolf foi até a janela e se expôs, gritando:

— Estou pronto para negociar, xerife.

— Está bem! Acendam um lampião e saiam com as mãos para cima — ordenou o xerife.

— Vou levar uma arma comigo — disse Mott, prendendo-as às costas, no cinto.

— Eu também — confirmou Murdo.

— Faça o mesmo, Wolf — pediu Mott.

— Está bem — concordou afinal.

Um lampião foi aceso. os três homens começaram a sair lentamente. Mott foi à frente, com o lampião seguro acima da cabeça. Assim que saíram, Faster, oculto ao lado da cabana, viu as armas que eles haviam escondido nas costas.

— Eles estão armados, xerife — gritou.

No mesmo instante com o lampião. A bala que Emmet disparou atingiu o lampião, jogando querosene no corpo do facínora, que imediatamente pegou fogo, transformando-se numa tocha que pulava e berrava como um demônio possesso.

A bala que Faster disparou jogou Mott para frente. O tiro de Colorado, atingindo-o na testa, fez seu corpo rodopiar no ar e se estatelar na poeira.

Mott correu na direção do rio. Wolf conseguiu sacar sua arma, mas estava confuso demais para perceber seus alvos.

— Não o matem! — gritou Colorado. — Renda-se, Wolf. Há armas demais apontadas para o seu corpo.

— Malditos sejam... Bastardo... — murmurou o pistoleiro, vendo seu irmão em chamas cair, pouco antes do riacho e ficar estrebuchando até morrer.

Faster se adiantou e o desarmou. Depois deu-lhe uma coronhada nos rins, fazendo o facínora gemer e ajoelhar-se.

— Isto é pelos homens que mataram, malditos! — vociferou.

— Acalme-se, Faster. Esse homem pode ser muito importante para nós agora — ponderou Colorado, agarrando-o pelos colarinhos e erguendo-o.

Empurrou Wolf na direção da cabana, onde acenderam um outro lampião?

— Onde estão os outros? — quis saber Wolf, cheio de fúria.

— Só nós — respondeu Colorado.

— Você é o delegado Stone, não?

— Sim, me conhece?

— Já ouvi falar.

— Pena que nossos caminhos não tivessem se cruzado antes, seu canalha. Muitas vidas teriam sido salvas.

— O que fazemos com estes corpos, xerife? — indagou Emmet, apontando os cadáveres dos Bakers dentro da cabana.

— Jogue-os lá fora. Que sirvam de pasto os coiotes. Vocês serão as testemunhas da morte deles. Quanto a você, vai me responder algumas perguntas — falou Colorado, encarando Wolf.

— Se pensa que vou delatar quem nos está pagando, está muito enganado, xerife. Esse é o meu trunfo e não vou abrir mão dele.

Colorado respirou fundo. Não gostava daquilo, mas não havia outra forma de obter a informação que precisava.

— Amarrem-no, rapazes! — ordenou.

Emmet se apressou em atender o pedido do xerife. Wolf foi amarrado firmemente numa cadeira.

— Faster, você disse quem tem um pouco de sangue índio, não é verdade?

— Sim, xerife.

— O que sua metade índia sabe fazer para que um homem fale como a mais tagarela das mulheres — continuou Colorado.

— Uma porção de coisas, xerife — respondeu Faster, com um sorriso, percebendo onde o outro queria chegar.

— O quê, por exemplo?

Faster sacou uma faca Bowie que levava às costas. A enorme lâmina afiada rebrilhou.

— Eu, particularmente, gosto de começar cortando as orelhas da vítima. Dizem que elas ouvem melhor nossas perguntas, quando lhes cortamos as orelhas.

— E depois?

— Para tornar tudo muito amigável, cortamos os lábios e deixamos os dentes à mostra. A pessoa morre com um sorriso nos lábios. É muito divertido.

— E se ainda assim não conseguir?

— Começamos a tirar a pele a partir do couro cabelo. Polegada a polegada, a pele se solta como se fosse uma máscara. Não é um espetáculo bonito, mas sempre funciona.

Wolf começou a rir.

— Não me mete medo com essas brincadeiras de criança, xerife. Isso não me assusta — zombou ele.

— Você ouviu o homem, Faster — disse Colorado.

Faster nada disse. Aproximou-se de Wolf, pôs a lâmina da faca no alto da testa dele, junto à linha de cabelos, e deslizou-a num gesto decidido.



Wolf Baker era duro na queda, mas, quando Faster começou a puxar seu couro cabeludo para cima, deslocando-o de seu crânio, percebeu que o mestiço estava brincando.

— Pare este maldito! — berrou, o sangue deslizando pelo seu rosto numa máscara macabra.

— Deixe-me continuar, xerife — pediu Faster, a lâmina da faca tinta de sangue.

— Foi Stanley Baker e seus sócios — falou Wolf, cuspiendo sangue enquanto falava.

— Como disse? sócios? Que sócios?

Wolf gargalhou da surpresa de Colorado Stone, o rosto transformado numa máscara ridícula.

— Não suspeitava de nada, xerife? — indagou o pistoleiro.

— Tinha algumas dúvidas mas nenhuma conclusão. Quem são esses sócios?

— O que me oferece em troca?

— Nada posso lhe prometer, mas talvez consiga livrá-lo da força...

— Quero mais, xerife. Quero a minha liberdade. E justo, após você ter exterminado minha família.

Colorado pensou por instantes. Não só havia dado cabo na quadrilha, como poderia solucionar todo o caso de Milles City. Libertar Wolf Baker seria até um ato de caridade, depois de todas a ajuda que ele estava prestando.

— Está bem, Wolf. Trato feito. Você testemunha contra Stanley e seus sócios e, depois do julgamento, eu o liberto.

— Trato feito então, xerife — concordou o outro.

— Quem são esses sócios, afinal?

Wolf abriu a boca para falar, mas o estampido de uma arma soou na janela e o rosto do pistoleiro simplesmente desapareceu, afundando por uma carga de chumbo grosso.

Seu corpo foi jogado para trás e, quando bateu no chão, já estava morto.

Uma chuva de balas veio lá de fora, obrigando o xerife e seus ajudantes se atiraram no chão em busca de proteção.

As balas entravam pela janela e pela porta, arrebatando tudo pela frente, arrancando grossas lascas dos troncos da cabana.

A situação acabava por se inverter. Concentrados em fazer Wolf falar haviam se esquecido de que haviam patrulhas do rancho ao redor.

Uma delas fora atraída pelos tiros e Wolf havia sido liquidado antes de entregar seus padrões.

Colorado disparou um tiro contra o lampião, apagando-o. As balas continuaram zumbindo. O terreno do lado de fora se iluminava com os clarões dos disparos.

— Fogos pegos numa ratoeira — disse Colorado.

— O que podemos fazer, xerife? — quis saber Emmet.

— Faster, você sondou o terreno lá fora. Há alguma chance de sairmos daqui?

— Acho que não, xerife. É tudo campo aberto. Aqui, pelo menos, temos a proteção dos troncos da cabana.

— Vamos tentar descobrir quantos são os homens lá fora — propôs o xerife, esgueirando-se até debaixo da janela.

Havia uma fresta entre dois troncos, logo abaixo da janela. Pode observar por ali. Contou pelo menos meia dúzia de armas, protegidas atrás de troncos e pedras.

— Emmet, vamos testar de novo a sua pontaria. Veja o que consegue fazer — ordenou o homem da lei.

Emmet rastejou até junto da porta, observando lá fora. viu um vulto, iluminando pela lua, esgueirar-se na direção de uma árvore.

Levantou o rifle e fez fogo de imediato, fazendo o homem que corria rodopiar e se estatelar no chão.

— Belo tiro! — elogiou Colorado.

— Xerife, veja o que encontrei aqui — disse Faster, aproximando-se do xerife.

Na claridade do luar Colorado pode ver um arco indígena e uma aljava com algumas flechas.

Começou a rir.

— Vamos matá-los a flechadas, Faster? — indagou, sem entender o objetivo do ajudante.

— Mais do que isso, xerife. Já estive num daqueles parques de diversão, onde se fica atirando contra patinhos?

— Sim, mas o que isso tem a ver com as flechas?

— Observe — pediu Faster, indo apanhar o lampião que Colorado apagara com um tiro.

Enrolou alguns trapos nas pontas das flechas, depois molhou-os com o combustível do lampião.

Aproximou-se da janela.

— Quando eu retesar o arco, acenda o trapo na ponta — pediu.

Ainda sem entender, Colorado atendeu. Quando Faster retesou o arco, o trapo foi aceso.

As balas choveram com maior intensidade no momento em que o fogo envolveu a ponta da flecha.

Faster disparou-a. A chama cruzou o céu, fazendo um arco e indo cair atrás de onde estavam os atacantes.

Por momentos o fogo bruxoleou, depois começou a se espalhar pela relva.

— Mais uma — pediu Faster e Colorado acendeu-a.

Lá fora os homens cessaram de atirar, tentando entender o que se passava.

Faster disparou uma série de flechas e, em pouco tempo, a pradaria ardia. Os agressores se destacaram facilmente contra o fundo brilhante.

Os cavalos deles se assustaram, relinchando e disparando. A confusão se instalou entre eles.

— Vamos ser torrados — berrou um deles, levantando-se.

Mal dera alguns passos e seu chapéu saiu voando de sua cabeça, como se um vento repentino o houvesse arrancado.

A bala disparada por Emmet fora certa. Junto com o chapéu também foi parte do crânio do pistoleiro.

Colorado e Faster aproveitaram a chance. Os homens lá fora se dispersaram, aturdidos e acossados pelo fogo, que avançava na direção deles.

Foi uma verdadeira carnificina. Um a um, em plena corrida, eles foram sendo abatidos como patos de tiro ao alvo.

Quando o último deles tombou, um silêncio de morte se abateu sobre o local.

— Bom trabalho, Faster! — cumprimentou-o xerife. — Conseguimos livrar nosso couro, mas ficamos sem prova nenhuma de envolvimento de Stanley. Com a morte de Wolf, perdemos a nossa única testemunha.

O grupo ficou em silêncio por instantes. Repentinamente, o rosto de Emmet brilhou.

— Espere um pouco, xerife! Nós sabemos que Wolf e seus irmãos estão mortos, mas Stanley Ross não. Vamos deixar todos os cadáveres aqui, exceto o de Wolf. Basta amarrar algumas pedras e jogá-los num ponto do riacho.

— Excelente idéia, Emmet! vocês dois estão se saindo melhor que a encomenda. Vamos fazer isso imediatamente, depois dar o fora daqui. Esse jogo vai atrair outras patrulhas e não estou com munição para outro tiroteio.

Trataram de executar o plano e partir imediatamente. À luz da lua cheia, o grupo cavalgou velozmente na direção da cidade.



Stanley Ross estava possesso, andando de um lado para outro de sua sala, enquanto Oliver o punha a par do que houvera.

— Encontramos os cadáveres de todos os irmãos Baker, exceto o de Wolf, patrão.

— Não procuraram direito. Foi isso. O que poderia ter acontecido com Wolf? Voando por sobre as chamas? — berrou, fora de si, o rancheiro.

— Pior que isso, patrão — disse Oliver.

Só então Stanley parou para pensar, encarando o capataz.

— Está vivo! — exclamou.

— E o que é pior, nas mãos do xerife.

— Demônios! Isso Não podia ter acontecido. Aquele bastardo vai abrir o bico e pôr tudo a perder.

— Esse tipo de gente não é confiável, patrão. O que quer eu faça?

Stanley nadou de um lado para outro, depois foi se servir de uma dose de uísque. Bebeu-o num só gole, depois voltou a encher o copo.

As coisas estavam mesmo fora de controle. Aquele maldito xerife era mais esperto do que pensara. Não só matara os três pistoleiros de Tombstone, como liquidara com a quadrilha dos Bakers.

Tinha de tomar uma medida drástica, ou iria ter problemas para explicar tudo aquilo aos seus sócios.

Só que, desta vez, as coisas precisavam ser feitas com precisão, sem nenhum erro.

Antes de mais nada, precisava deter o xerife antes que fizesse Wolf Baker falar. Se isso acontecesse, a cidade toda se voltaria contra ele.

Em pouco tempo um bando de loucos se abateria sobre o rancho, clamando por vingança. Tinha de se apressar e mostrar sua força e sua astúcia.

Se conseguisse tirar aquele xerife do seu caminho, seria fácil continuar aterrorizando os rancheiros, fazendo-os venderem suas terras como havia sido planejado.

Tudo passava, então, pela morte do xerife.

— Oliver, esta missão pode ser a mais importante de todas a que já recebeu. Quero selecionar um grupo de dez homens. Os melhores atiradores e os mais rápidos cavaleiros. Devem partir imediatamente para a cidade e matar o xerife e Wolf Baker, antes que eles consigam por toda a cidade contra nós.

— Como quer que isso seja feito, patrão?

— Use tudo que estiver ao seu alcance. Quero aquele homem morto. quero Wolf morto. Quero a cidade aterrorizada. usem máscara, fogo, balas, dinamite, o diabo que for preciso, mas faça o que estou ordenando, Oliver. Não se arrependerá disso, eu prometo —a firmou Stanley e seu rosto tinha um brilho insano e preocupado.

— Pode contar comigo, patrão — prometeu Oliver, deixando a casa.

Seus homens o esperavam do lado de fora da casa.

— Tenho uma missão importante e vou precisar de dez de vocês. Vou apontar cada um. Peguem os melhores cavalos, toda a munição que puderem carregar, inclusive dinamite tochas. Haverá um prêmio pelo trabalho desta noite e eu garanto pessoalmente que ninguém se arrependerá de estar comigo fazendo-o.

— O que será afinal, Oliver — indagou um deles.

— Vamos invadir a cadeia e matar o delegado e Wolf Baker, antes que o dia amanheça, rapazes.

Um silencio pesado se abateu sobre o grupo. Todos ficaram na expectativa da escolha. Oliver foi caminhando entre eles, fazendo a escolha.

Cada cavaleiro apontado corria para o curral para escolher um dos melhores cavalos, antes de ir ao deposito apanhar armas, tochas e dinamite.

Do alpendre da casa, Stanely observava tudo com satisfação. Tinha poder e dinheiro. Isso comprava tudo, inclusive homens para morrerem em seu lugar ou fazerem o trabalho sujo que ele não tinha coragem de fazer.



Quando retornaram à cidade, não havia ninguém nas ruas de Milles City. Os pálidos lampiões jogavam uma claridade suja na poeira que se levantava à passagem dos animais extenuados.

Diante da cadeia, Colorado se surpreendeu ao ver Anne, sentada numa cadeira, esperando-os.

— Graças a Deus estão vivos — murmurou ela, observando os semblantes cansados e tensos dos homens da lei.

— O que faz aqui? — indagou Colorado, parando diante dela e mergulhando na paz daquele olhar feminino e sedutor, tão cheio de ternura e calor.

Naquele momento, depois de tudo que havia passado naquele dia, Colorado daria tudo para abraçar aquele corpo de mulher e esquecer o perigo e a fatalidade que o acompanhara.

— Vim lhe trazer comida. Deixei lá dentro, sobre o fogão. Há o bastante para todos vocês — disse ela.

— Anne, esta foi a melhor notícia que recebi hoje — falou Emmet, adiantando-se e entrando antes de Faster.

Os dois se empurraram cadeia a dentro. Momentos depois, ouviam-se os elogios e os murmúrios de satisfação dos dois rapazes.

— São ótimos rapazes — disse Colorado. — Devo a minha vida a eles.

— O que conseguiu descobrir?

— Tudo e nada ao mesmo tempo — disse ele, com expressão cansada e abatida.

— Pobre xerife! sussurrou ela, fazendo uma carícia no rosto áspero do homem a sua a

frente.

Colorado estremeceu, arrepiando-se por inteiro, tocado profundamente por aquela carícia despreendida e espontânea.

— Tenho mais comida lá em casa. Por que não vamos até lá, xerife? Pode tomar um banho, fazer a barba, trocar de roupa — sugeriu ela, num tom de voz irrecusável.

— Rapazes, cuidem de tudo por aqui — pediu ele, indo até a porta.

— Onde vai, xerife? — quis saber Emmet.

— Nem se atreva a perguntar, seu estúpido — disse-lhe Faster, dando-lhe um tapa na cabeça.

— O que foi que eu fiz, idiota? — protestou Emmet.

Colorado já se afastara pela rua silenciosa, na companhia de Anne. Um certo constrangimento pairava entre eles, mas, caminhando junto daquela mulher, o homem da lei sentiu uma sensação que havia muito tempo não experimentava.

Assim que chegaram na casa, Anne colocou água para esquentar. Serviu um uísque ao xerife, que, sem jeito, perambulou de um lado para outro, enquanto ela cuidava de tudo.

A água esquentava. A mesa foi posta. A comida começou a ser esquentada. Anne trouxe uma muda de roupa limpa e passada. Colorado foi apanhar sua navalha no alforje.

O banho ficou pronto.

— Assim que terminar, o jantar estará pronto, xerife — falou a garota.

Só então Colorado reparou. Os cabelos dela estavam diferentes, soltos, envolvidos num perfume delicioso.

Anne não vestia calças de vaqueiro nem camisa rústica, de homem. Usava um vestido vaporoso, com um decote discreto, mas provocante, que deixava a mostra parte de seu colo e delineava sutilmente os contornos rijos de seus seios.

Colorado fraquejou.

— Você está linda! — murmurou ele.

— Por que não toma um banho e faz a barba, Bill?

— Bill? como sabe?

— Uma mulher sabe o que é importante para ela — explicou a garota, um brilho promissor no olhar.

Quando a garota o olhava daquela forma e lhe dava uma ordem, Colorado jamais deixava de obedecer. Correu para o banho pois sabia que todos os acontecimentos trágicos daquele maldito dia seriam rapidamente esquecidos junto ao corpo morno e perfumado de Anne Bosler.



A explosão abalou a cidade inesperadamente, semeando o terror no meio da noite.

Colorado saltou da cama, procurando por sua arma. Anne se levantou em seguida, acendendo o lampião.

— Você ouviu? — indagou ele, aturdido, quando a luz invadiu o quarto.

Anne não teve tempo de responder. Uma fuzilaria terrível se seguiu na rua principal, como se uma guerra tivesse sido deflagrada naquela noite.

O xerife se vestiu rapidamente. Anne tentou segurá-lo, mas Colorado havia tido um pressentimento.

Correu na direção da cadeia, de arma em punho. Um bando de cavaleiros mascarados, portando tochas, disparava contra o que sobrara da cadeia dinamitada.

— Emmet! Faster! — exclamou ele, sem se importar com o perigo.

Os cavaleiros haviam terminado o macabro trabalho e partiram a galope pela rua.

Colorado se arrastou agoniado na direção dos escombros.

— Malditos! Mil vezes malditos! — murmurou, enquanto se aproximava daquele quadro de desolação.

Caiu de joelhos na poeira da rua. Colorado Stone era um homem duro, calejado, mas não conseguiu resistir. Lágrimas deslizaram de seus olhos contra a sua vontade.

Anne surgiu correndo e parou atrás dele, abraçando-o.

— Oh, Bill! — exclamou ela, apertando contra si o corpo dele, que tremia de indignação, ódio, fúria, desejo de vingança.

Não havia dúvidas a respeito de quem estava por detrás de tudo aquilo. Com certeza Stanley Ross soubera do que acontecera na pradaria, das mortes da quadrilha Baker, dos patrulheiros, capangas que vigiavam a propriedade.

A armadilha sugerida por Emmet surtira um efeito contrário. Provocara a reação imediata de morte e destruição.

Pessoas começaram a chegar, aglomerando-se diante da cadeia. Os familiares de Emmet e Faster, ao perceberem o que havia acontecido, caíram no desespero, lastimando em altos brandos.

As chamas que ardiam nos escombros lançavam um jogo de sombras tenebroso no rosto contraído de Colorado Stone.

Tinha certeza agora de que o jogo era pesado, muito pesado. Mas não o suficiente para um homem como ele, que já havia feito de tudo na vida e nada mais tinha a perder, exceto o amor de uma mulher e o conforto de um rancho pelo qual sonhara toda a sua vida.

Stanley Ross era a sombra que tornaria tudo isso um pesadelo, algo que jamais ele poderia desfrutar sem se sentir culpado.

Se Stanley sabia atacar no meio da noite, de forma devastadora, ele também poderia fazer isso.

Levantou-se. Anne se agarrou nele, tentando detê-lo.

— Onde vai, querido? — indagou ela, percebendo aquela firme e mortal decisão nos olhos dele.

— Resolver esta situação da única maneira possível — falou ele, com decisão.

— Como?

— Olho por olho... Dente por dente... — murmurou ele, segurando o rosto dela entre as mãos trêmulas. — Não se preocupe, querida. Tenho de resolver isto a minha maneira. Eu voltarei, eu prometo. — afirmou ele, beijando-a levemente e se afastando.



Stanley Ross saltitava de satisfação, enquanto Oliver lhe contava os detalhes da operação daquela noite.

— Não lhes dei tempo para nada — contava Oliver. — Disparamos contra as janelas, quebrando-as. Atiramos a dinamite lá dentro e nos afastamos. Quando tudo explodiu, retornamos e varremos tudo com chumbo. Não deve ter sobrado uma viva alma lá dentro, posso lhe garantir, patrão. Os cavalos estavam diante da cadeia... Três... Só três cavalos! — finalizou Oliver, percebendo, de repente, que alguma coisa não batia em tudo aquilo.

— O que quer dizer com isso? — quis saber Stanley.

— Três cavalos... Três homens... O xerife e dois ajudantes... E Wolf?

— De que está falando afinal, Oliver — irritou-se o rancheiro.

— Pelas pegadas, três cavaleiros chegaram e três cavaleiros partiram. Nenhum levou carga extra. Não localizamos Wolf e supusemos que ele tivesse sido levado pelo xerife. Se assim fosse, deveria haver quatro cavalos diante da cadeia e não três...

— Não seja tão preocupado, Oliver. Na certa um dos ajudantes foi ido para casa. Vá repousar. Você merece. Diga aos rapazes que amanhã receberão o prêmio pelo trabalho.

Oliver deixou a casa pensativo e intrigado. Depois de tudo que já acontecera, sabia que não menosprezar o trabalho daquele xerife.

Era um homem perigoso demais, alguém de quem se poderia esperar de tudo.

— O patrão está satisfeito — disse aos homens diante da casa. — Vamos descansar. Amanhã vamos receber nosso prêmio.

Os rapazes gritaram de satisfação e foram para o curral, tirar as selas dos cavalos e

soltarem-nos.

Do alto de sua janela, Stanley observou com satisfação. Livrara-se do perigo. Poderia tranquilizar seus sócios. Tudo seguiria o plano pré-estabelecido.

Levantou os olhos para o céu. Em breve, cortando o silêncio da pradaria, numa noite de lua cheia como aquela, um novo elemento viria se incorporar àquela paisagem.

Uma novidade que vinha do leste, avançando rapidamente, levando o progresso e fazendo fortunas.

A ferrovia avançava inexoravelmente. De Glendive, na divisa com Dakota do Norte, ela avançaria pelas pradarias de Montana na direção de Milles City e, dali, para Billings, rumando para o oeste.

Quem tivesse terras no caminho do progresso lucraria, não só com a valorização, com o preço da desapropriação, mas com a facilidade de transportar o gado para os centros de consumo, no Leste.

Lamentou não ter tido capital suficiente para ter bancado tudo aquilo sozinho.

Só que havia muito, mas muito dinheiro mesmo em jogo. Mais do que poderia gastar em toda a sua vida.

O que mais poderia desejar? apenas que ninguém, mas ninguém mesmo, se intrometesse entre ele a fortuna.

Terminou de fumar um cigarro, depois foi para o seu quarto. Deitou-se para dormir como um homem de bem, com todo o futuro pela frente, sem peso nenhum em sua consciência.

Lá fora havia um grupo de homens sempre dispostos a fazer todo o trabalho sujo que ele não tinha coragem de fazer.

Realmente, Oliver e seus homens eram pagos para isso. Só que muito bem pagos.

Era nisso que o capataz pensava, após haver tirado o arreio de seu cavalo e o soltado no curral.

Pôs o arreio encaixado sobre a trave de uma das baias, depois se voltou para ir para o dormitório.

Estava ansioso por um gole de uísque. Depois do trabalho daquela noite, tinha certeza de

que tudo ficaria mais fácil para seu patrão.

Ao passar diante de um lampião, percebeu um homem no fundo de uma baia, parado.

— Vamos dormir, rapaz. Já trabalhamos demais para uma noite — disse, descontraído.

— Será? — respondeu o outro, num tom de voz que fez com que Oliver se arrepiasse.

— Quem está aí? — indagou.

O outro avançou lentamente, as sombras cobrindo seu corpo. Gradativamente a luz foi subindo por suas pernas, iluminando o cinturão de pistoleiro, refletindo-se na estrela prateada do peito.

— Quem diabos... — ia dizendo, mas calou-se quando Colorado engatilhou o Colt, apontando-o para a cabeça do capataz.

— Fez sua última besteira — disse o xerife, com voz ameaçadora.

Oliver esboçou um sorriso de desafio.

— Há cinqüenta homens armados naquele dormitório, xerife. Todos virão correndo, assim que ouvirem o disparo de sua arma.

— Eu duvido — comentou Colorado.

— Por quê? — insistiu Oliver, estranhando aquele tom.

— Mortos não correm — respondeu o xerife, retirando o relógio do bolso do colete e olhando as horas.

Oliver olhou-o sem entender. Repentinamente, um clarão iluminou o céu, como se o sol resolvesse surgir no meio da madrugada.

A explosão em seguida estremeceu o chão. O dormitório dos capangas simplesmente se desfez em milhões de lascas que voaram pelos ares, iluminados pela luz ofuscante e tétrica da explosão.

— O que foi que fez, seu maldito? — questionou Oliver, o corpo tremendo de espanto e indignação.

— Olho por olho, dente por dente — sentenciou o xerife.

Oliver sabia que era seu fim, mas resolveu arriscar suas chances.

Levou a mão rapidamente à arma. Era rápido, muito rápido, um dos mais rápidos que Colorado já enfrentara.

As duas armas dispararam com uma fração mínima de diferença entre ambas.

A bala disparada por Colorado atingiu o peito de Oliver e, naquela fração de segundo, provocou uma ligeira alteração na mira instintiva do pistoleiro.

Colorado sentiu o calor e o impacto em seu ombro esquerdo. O braço pesou repentinamente.

Oliver caiu de joelhos, segurando tremulamente o Colt em sua mão, olhando o sangue que empapava sua camisa.

— Maldito! — balbuciou, levantando os olhos para o xerife, percebendo o sangue que escorria também no corpo dele. — Vai morrer comigo — acrescentou, tentando levantar a arma.

O chapéu voou de sua cabeça, assim como metade de seu crânio, quando Colorado disparou.

Oliver tombou para trás, o corpo retorcido numa posição grotesca.

— Filho de uma cadela — murmurou Colorado, sentindo a dor aumentar, latejando em seu ombro.

A cabeça girou, como se a explosão ainda fizesse o chão balançar sobre seus pés.

As coisas começavam a ficar confusas em sua mente. Sabia que tinha uma missão a cumprir, mas havia perdido todo o senso de direção, após a bala.

As forças começavam a se esvaír, juntamente com o sangue que já gotejava em suas botas.

Virou-se, na direção da entrada da estábulo. Percebeu um vulto caminhando na sua direção.

— Que diabos fiz para merecer um demônio como você em minha cola? — indagou Stanley, engatilhando a Winchester.

Longos anos de condicionamento e reflexos treinados se fizeram senti naquele momento.

O estalido metálico de uma arma sendo engatilhada sempre provocara em Colorado uma mesma reação.

O senso de defesa e de preservação falou mais alto. Inicialmente ele procurou sair do campo de tiro, jogando-se para o lado.

A bala assobiou a centímetros de sua cabeça, enquanto ele caía atordoado, Colorado sentiu a arma escapar de sua mão.

Rastejou, então, por entre as baias, sentindo seu corpo perder rapidamente as forças.

— Ora, xerife! Que pena! Perdeu sua arma — comentou Stanley, com satisfação, vendo o que ocorrera. — Quanto tempo vai suportar? Está ferido, perdendo sangue. Suas forças o estão abandonando, xerife. Logo estará a minha mercê... — continuou Stanley, com zombaria e arrogância, seguro de si.

Rastejando por entre as fezes dos animais, evitando os pisões dos cavalos assustados, Stone, só conseguia pensar em Rock, com a cabeça decepada, e em Emmet e Faster, três bons rapazes.

A voz irritante e zombateira de Stanley era como um ferro em brasa ardendo em seu coração.

— Não adianta fugir, xerife! Você está em minhas mãos — disse Stanley, voltando a engatilhar a Winchester.

Como sempre, aquela seqüência metálica sempre provocava uma reação inesperada em Colorado Stone.

Clac!

A cápsula deflagrada saltava longe.

Clec!

A alavanca recuava. A chapa metálica se embutia à frente do gatilho, deixando a arma pronta para o disparo.

Dentro dela, o mecanismo já instalara uma outra bala no cursor.

Bastava puxar o gatilho e o projétil surgiria pelo cano, carregando a morte.

Colorado sentiu o cabo do ancinho em sua mão. Era sua arma. Era a única arma ao seu alcance.

Stanley arregalou os olhos, surpresos. O tridente rasgou seu peito num barulho enjoativo e brutal.

Diante dele, com o peito coberto de sangue, Colorado Stone movia o cabo de ancinho para cima e para baixo, alargando as feridas.



O ferimento havia sido profundo e Colorado perdera muito sangue. Por longos dias ele lutou contra a morte, numa cama, sendo assistido por um anjo.

Anne não se desgrudava do leito dele, atormentando-se com os delírios que o tomavam de assalto.

Havia muitas fantasmas na vida do delegado Colorado Stone. Em sua febre, ele tentava exorcisá-los e, ao mesmo tempo, superar o ferimento e voltar à vida.

Em momento nenhum Anne esmoreceu. Tinha plena convicção de que ele iria superar a doença.

Tornara-se importante demais para ela. Precisava dele como precisava do ar que respirava. Sem ele, nada mais teria sentido, já que perdera sua casa e sua família.

Colorado era a chance de recomeçar tudo em sua vida. Para ele, em seus pesadelos, havia a nítida sensação de que os verdadeiros culpados por tudo aquilo ainda não haviam sido punidos.

Tinha consciência de que matara Stanley Ross, mas as palavras zombeteiras de Wolf

ecoavam em sua mente, no delírio da febre. Quem eram os sócios? O que havia por detrás de tudo aquilo?

Noites e dias de tormento se sucederam, enquanto ele oscilava entre a vida e a morte.

Sua constituição robusta, no entanto, prevaleceu. A febre começou a ceder, graças aos cuidados de Anne.

O sono atribulado e atormentado foi sendo substituído por um descanso benéfico.

Finalmente, numa fresca manhã de outono, Colorado Stone recuperou definitivamente a consciência.

Passeou os olhos por aquele quarto que ele desconhecia. Viu Anne adormecida numa cadeira, ao lado da cama.

— Anne! — murmurou ele e, imediatamente, ela abriu os olhos.

E ao vê-lo desperto, os olhos dela marejaram.

— Oh, Bill! Graças a Deus! — exclamou ela, caindo de joelhos ao lado da cama.

— O que houve? — indagou ele, aturdido.

— Você foi ferido... Esteve entre a vida e a morte... Nós o encontramos no rancho Ross, naquela noite...

— Há quanto tempo estou nesta cama?

— Muitos dias, querido. Muitos dias! — suspirou ela, abraçando-o e começando a chorar.

— Calma, Anne! Estou vivo! Não precisa chorar agora — consolou-a ele, acariciando-lhe os cabelos.

— Temi por você, Bill.

— Agora estou bem. Acho que as coisas se resolveram, não?

Ela hesitou, antes de responder, dando a entender que todo aquele trabalho fora em vão.

— O que há, Anne?

— Está tudo começando de novo, Colorado. Uns homens chegaram do Leste, reclamando a propriedade do rancho de Stanley Ross, Voltaram a fazer ofertas para compra dos ranchos dos pequenos proprietários. Homens mal encarados começaram a chegar à cidade.

— Malditos! O que há por trás disso tudo? — indagou o xerife, intrigado.

— Não pense nisto agora. Descanse. Recupere-se. Poderá se preocupar com tudo depois que estiver bom.

Colorado respirou fundo, sentindo que nada estava resolvido. No entanto, nada havia que pudesse fazer naquele estado.

Seguindo os conselhos do médico e sob os cuidados de Anne, ele rapidamente foi se recuperando.

Em uma semana conseguia se pôr em pé. Alguns dias mais tarde já pode caminhar pela cidade. Quinze dias depois já cavalgava e podia exercitar o saque e o disparo, nos arredores da cidade.

Certa tarde, quando retornava após haver treinado sua pontaria, foi chamado pelo prefeito.

— Tome, acho que isto resolve tudo — disse o maioral da cidade entregando-lhe um envelope.

Intrigado, Colorado o abriu. Havia dinheiro lá dentro. Muito dinheiro. Mais do que o combinado.

— Há dois mil dólares pela captura dos Bakers, mil dólares que encontramos nos escombros da cadeia, mais mil de bonificação e outros dois para compensar todo esse tempo que estive de cama, xerife. Com isso está liberado, com a gratidão da cidade.

Colorado o olhou desconfiadamente.

— Estou sendo despedido? — indagou.

— Fez o seu trabalho e, diga-se de passagem, muito bem feito. É digno de todos os elogios. A cidade lhe será eternamente grata, xerife. Quando pretende partir?

Colorado não estava preparado para aquela decisão. Havia a hacienda em Las Cruces, com um gancho na parede onde penduraria as suas armas.

— Assim que me recuperar totalmente, entregarei o distintivo e partirei.

— Não precisa se apressar. Estamos convocando novas eleições para xerife, dentro de quinze dias. Até lá, sintá-se em casa.

Colorado agradeceu e voltou para casa. Sentou-se no alpendre e acendeu um cigarro. Anne surgiu, trazendo-lhe uma xícara de café. Algumas mulheres passaram diante deles, cochichando com desprezo, olhando-os de soslaio.

Colorado percebeu isso, assim como a garota, que ficou constrangida.

— Não vêm com bons olhos nós morarmos juntos, querida — comentou ele.

— Eu não me importo...

— Mas eu sim. Recebi minha demissão ainda há pouco do prefeito. Pagou-me e me desejou boa sorte. Posso partir no momento em que desejar.

Os olhos dela brilharam de expectativa.

— Recebi uma oferta pelo rancho hoje... Acho que vou vender.

— Daquela gente que você falou?

— Não, foi de George Flannagan, meu vizinho. A irmã e o cunhado chegaram do Leste para se estabelecer aqui e decidiram comprar o meu rancho. A oferta é justa.

Colorado pensou por instantes.

— Quer ir comigo para Las Cruces? — convidou ele.

— Pensei que nunca fosse me convidar — exclamou ela, ajoelhando-se ao lado dele e depositando a cabeça sobre as coxas do homem da lei.

Colorado ficou acariciando os cabelos dela, enquanto seus olhos acompanhavam a movimentação na rua.

Alguns homens de terno, juntamente com o xerife, deixaram a prefeitura e caminharam pela rua principal até o banco.

— Conhece aquela gente? — indagou ele, apontando-os.

— São os homens que estão comprando as terras por aqui.

Os olhos do xerife brilharam repentinamente.

— Falando em terras, o que houve com o rancho de Stanley Ross?

— Pelo que sei, foi confiscado pelo Banco. Havia uma dívida que ninguém sabe qual. Só sei que o negócio parece ter sido honesto, pois foi o prefeito quem cuidou de tudo.

Em algum lugar, de alguma forma, dentro do cérebro do homem da lei, algumas peças começaram a se encaixar.

— O cunhado de George Flannagan ofereceu metade do dinheiro agora e a outra metade em um ano — comentou Anne, mas Colorado não a ouviu inteiramente.

Estava atento, acompanhando a chegada da diligência. Isso o fazia se lembrar de algo, embora não soubesse exatamente o que era.

A garota se apressou em atender. Retornou em seguida, com uma carta na mão.

— É para você... Vem de Washington — comentou ela, entregando-a.

Colorado se lembrou, então. Havia mandado uma carta ao seu ex-chefe, pedindo algumas informações.

Abriu-a avidamente e a leu. Seu semblante se alterou. Anne percebeu isso de imediato.

— O que houve, querido? Más notícias?

Colorado entregou-lhe a carta. Enquanto Anne lia ele foi até a sala e apanhou o cinturão, prendendo-o à cintura.

Verificou a arma. Estava carregada. O Colt retornou ao coldre, pronto para agir.

Anne foi ter com ele.

— Isso explica tudo — comentou ela e, ao ver o cinturão preso à cintura dele, empalideceu.
— O que vai fazer?

— Terminar o que comecei, querida. Acha que pode por tudo que pretende levar numa carroça? — indagou ele.

— Não tenho muito o que levar.

— Passaremos ao rancho Flannagan para fechar o negócio. Assim que eu terminar o trabalho, nós partiremos — disse ele.

Anne viu decisão, coragem e uma vontade férrea no olhar daquele homem. Embora temesse por ele, sabia que nada no mundo o demoveria de seu intento.

— Querido— chamou ela, quando ele se voltou, pronto para abrir a porta.

— Sim? — respondeu ele, olhando-a longamente.

— Tenha cuidado — murmurou ela, num sopro de voz.

— Terei. Espere-me preparada para partir. Temos um longo caminho pela frente.

— Estarei pronta — confirmou ela.

Colorado caminhou pela rua principal, silenciosa e mal iluminada.

O único sinal de vida vinha do saloon, onde viu o prefeito e seus comparsas entrando, após o que parecia ter sido uma reunião no banco.

Havia pouco movimento no estabelecimento. Os homens que ele procurava festejavam numa sala reservada, com as melhores mulheres do local.

Assim que entrou, Colorado contou-os. Eram seis homens de terno. Homem de ambição, dispostos a tudo.

Conhecia o prefeito. Também o gerente do banco. Não sabia quem eram os outros quatro.

Havia seis homens festejando ali dentro, assim como havia seis balas no seu revólver.

Sua expressão intimou as garotas, que, farejando encrenca, saíram rapidamente.

— Lamento não tê-lo convidado, xerife. É uma festa particular, mas já que está aqui, venha festejar conosco — foi dizendo o prefeito, levantando-se e caminhando na direção dele.

Colorado pensou em Rock, em Emmet e em Faster. Lembrou-se dos vaqueiros mortos no rancho de Anne e do terror que havia sido instalado ali.

O sorriso cínico do prefeito não o convenceu. Sem poder se conter, Colorado golpeou-o fortemente na boca, fazendo-o engolir fragmentos de dentes, enquanto tombava sobre a mesa farta e ricamente servida.

Os outros homens se puseram em pé rapidamente. Sob os paletós Colorado viu faiscarem armas de coronhas trabalhadas e corpos cromados.

— A ferrovia explica tudo, não? — falou ele.

— O que sabe sobre a ferrovia? — retrucou um dos homens, surpreso.

— O bastante para jogar toda a cidade contra vocês, seus bastardos gananciosos — respondeu.

— Jamais permitiremos que faça isso.

— E como pretendem me impedir?

A resposta foi muda, mas muito significativa. Os homens se espalharam pela sala, diante de Colorado, procurando dificultar sua ação.

O ex-delegado já estivera em situação como aquela. Sondou os rostos dos homens a sua frente.

— Por quê? Por que tanta morte, tanta destruição? — indagou, sem entender as razões que moviam homens como aqueles.

— É o progresso... É a riqueza... As oportunidades que não podem ser desperdiçadas... — respondeu um deles.

— E as vidas humanas? De nada valem?

— São peões num jogo de poderosos, seu bastardo — disse o prefeito, cuspiendo sangue e adiantando-se um passo. — Acha que pode lutar contra isso? Acha que pode lutar contra nós? É um homem morto, Colorado.

— Muitos já tentaram isso antes, prefeito. Hoje moram na colina dos pés juntos — disse o xerife.

O que tinha a fazer não livraria o oeste de gente como aquela, que o explorariam até a exaustão.

O que tinha a fazer era ditado por sua consciência, por sua coragem, por sua vida de homem da lei.

A seqüência era sempre a mesma em sua mente, onde os reflexos rápidos decidiam quem vivia ou morria.

Colorado soube medir os movimentos de cada um daqueles homens. Atirou nos mais rápidos primeiro. Uma bala para cada um. Não podia se dar ao luxo de errar.

Foram seis disparos sucessivos, sem que seus oponentes disparassem uma vez.

Quando a fumaça se dissipou, ele teve certeza de que fizera a sua parte. Rock, Emmet e Faster, em algum lugar no céu, deveriam estar agradecendo-o pela vingança. Uma aglomeração se formou à porta da sala. Colorado soube então, que teria que contar muita coisa ao pessoal da cidade, antes de partir com Anne.

Uma hacienda em Las Cruces o esperava. Uma hacienda e uma mulher.



LOURIVALDO PEREZ BAÇAN O MAGO DAS LETRAS

Atividades:

Professor de primeiro, segundo e terceiro graus
Bancário aposentado
Instrutor de Treinamento Profissional
Escritor: poeta, contista e novelista
Compositor letrista
Tradutor
Palestrante: Redação Criativa e O Processo Criativo

Publicações:

Publicou em 1996 a novela rural **Sassarico**, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias

Publicou em 1998 o livro de poemas **Alchimia** e em 1999 o livro **Redação Passo a Passo**.

Escreveu mais de 800 textos, publicados em sua maioria, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e livros de bolso com os mais diversos temas, letras para músicas.